

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

YGOR RAPHAEL DE JESUS MESQUITA

Monografia de Bacharelado em Geografia

Feiras livres em Presidente Prudente (SP): espaços de comércio e
sociabilidade em contextos de mudanças e permanências

Presidente Prudente

2024

YGOR RAPHAEL DE JESUS MESQUITA

Feiras livres em Presidente Prudente (SP): espaços de comércio e
sociabilidade em contextos de mudanças e permanências

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Bacharel em Geografia pela Faculdade de
Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de
Presidente Prudente.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Antônio Furini.

M582f

Mesquita, Ygor Raphael de Jesus

Feiras livres em Presidente Prudente (SP): espaços de comércio e sociabilidade em contextos de mudanças e permanências / Ygor Raphael de Jesus Mesquita. -- Presidente Prudente, 2024

62 p. : il., tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientador: Luciano Antonio Furini

1. Espaços públicos. 2. Feiras livres. 3. Feirantes. 4. Consumidores.

I. Título.

YGOR RAPHAEL DE JESUS MESQUITA

**Feiras livres em Presidente Prudente (SP): espaços de comércio e
sociabilidade em contextos de mudanças e permanências**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Bacharel em Geografia pela
Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente.

Data da defesa: 06 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luciano Antonio Furini

FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia
UNESP – Universidade Estadual Paulista
Campus de Presidente Prudente

Prof. Me. Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos

FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia
UNESP – Universidade Estadual Paulista
Campus de Presidente Prudente

Prof. Me. Regina Helena Penati Cardoso Ferreira

FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia
UNESP – Universidade Estadual Paulista
Campus de Presidente Prudente

Agradecimentos

Escrever esses agradecimentos foi um desafio, especialmente por não conseguir expressar adequadamente a gratidão que sinto por aqueles que estiveram ao meu lado ao longo do meu tempo na FCT - UNESP, essas pessoas não apenas me acompanharam, mas continuam a fazê-lo até o momento presente, além do meu próprio empenho, reconheço que são essas mesmas pessoas que desempenharam um papel crucial em minha jornada, apoiando-me em diversas etapas ao longo da minha formação acadêmica.

Sinto que é a realização de um sonho que parecia longínquo, que marca o fim desta jornada e o começo da próxima, com novas aventuras e novos sonhos, ansiosos para serem realizados.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Eloá Jesus, que me deu a vida e a única responsável pelo meu progresso a este ponto. Uma mulher forte, guerreira e independente que conseguiu criar um filho sozinha, apesar das dificuldades e adversidades que entravam em seu caminho, que sempre me deu apoio e suporte enquanto perseguia meus sonhos, sinto que sem ela, não seria possível chegar até aqui.

À Cleonice Ferreira e Rose Rocha, minhas professoras de geografia e história do ensino médio durante meu tempo na Escola Estadual Professora Maria Luiza Formozinho Ribeiro, as responsáveis por me inspirar e cativar a desbravar o caminho da Ciências Humanas, mesmo que nunca tenha dito isto diretamente a elas, meu mais sincero obrigado.

Aos meus amigos e colegas que conheci durante meus tempos no ensino médio e superior, carrego uma parte de vocês onde quer meus caminhos me levem no futuro, mas principalmente àquele que conheci no primeiro dia de graduação, meu fiel amigo, Isaac Avelino, e à Stephanie Owens, uma amizade fortuita e inesperada, a vocês dois, meus sinceros agradecimentos por sempre estarem ao meu lado em todos os momentos.

Ao orientador deste trabalho, Luciano Antonio Furini, muito obrigado por me dar esta chance e se manter fiel a este projeto, em meio a tantos problemas e atribulações, agradeço por todo apoio e suporte prestado durante a orientação desta pesquisa e dentro da sala de aula.

A todos os funcionários e profissionais de limpeza e zeladoria da FCT - UNESP, minha sincera gratidão por manter todas as dependências da faculdade limpas e asseadas, acredito que vocês são o verdadeiro alicerce que mantém a comunidade acadêmica em pleno funcionamento.

Por último, mas não menos importante, à todos aqueles que cruzaram meu caminho e foram capazes de deixar uma marca, mas que não consigo expressar em palavras neste agradecimento, saibam que vocês também foram importantes para eu chegar até aqui, nossos momentos e vivências, mesmo que breves, estarão para sempre em minha memória e gravados em mim pela eternidade, enquanto assim ela durar.

“Who I am is where I stand.

And where I stand... is where I fall.”

- 12º Doutor -

(Doctor Who)

Resumo

As feiras livres de Presidente Prudente ostentam uma importância significativa na história da cidade, remontando à sua própria fundação. Atualmente, transformaram-se em verdadeiros caldeirões fervilhantes de tradições e convívio, demonstrando uma notável capacidade de resistir ao avanço do comércio atacadista e varejista, representados pelos supermercados e hipermercados. Tais feiras persistem ativamente, tanto na Avenida Manoel Goulart, onde a primeira e mais relevante feira se estabelece atualmente, quanto em diversas localidades espalhadas pela cidade. Esses espaços mantêm as ruas como ambientes cruciais para a convivência da comunidade prudentina, destacando-se como pontos de encontro e preservação das tradições locais. Assim, ao resistirem às transformações no cenário comercial, as feiras livres não apenas preservam sua importância histórica, mas também se reinventam como pilares essenciais da vida social e cultural da cidade. O objetivo deste estudo é compreender a dinâmica socioespacial das feiras livres na cidade de Presidente Prudente/SP, com foco na feira localizada na Avenida Manoel Goulart, e analisar as permanências e mudanças recentes em seu conteúdo a partir da perspectiva da tríade espaço-comércio-sociabilidade. A metodologia contou com revisão bibliográfica, pesquisa de campo, e a aplicação de questionários. Ao explorar as mudanças nas práticas comerciais e nas interações sociais, contextualizamos essas transformações dentro do cenário mais amplo da evolução urbana e das tendências comerciais. O estudo destaca como as feiras livres de Presidente Prudente não apenas resistem às mudanças, mas também se reinventam para atender às necessidades de uma sociedade em constante evolução, este trabalho contribui para a compreensão da vitalidade e relevância desses espaços, proporcionando uma base para futuras reflexões sobre a interação entre espaço, comércio e sociabilidade em contextos urbanos específicos.

Palavras-chave: espaços públicos, feiras livres, lugar, sociabilidade, economia local.

Abstract

The street fairs of Presidente Prudente have played a significant role in the city's history, dating back to its very foundation. Today, they have become veritable melting pots of traditions and social interaction, demonstrating a remarkable ability to resist the advance of wholesale and retail trade, represented by supermarkets and hypermarkets. These markets continue to be active, both on Avenida Manoel Goulart, where the first and most important market is currently established, and in several locations throughout the city. These spaces maintain the streets as crucial environments for the community of Presidente Prudente to live together, standing out as meeting points and preserving local traditions. Thus, by resisting the changes in the commercial scenario, the street fairs not only preserve their historical importance, but also reinvent themselves as essential pillars of the city's social and cultural life. The objective of this study is to understand the socio-spatial dynamics of street markets in the city of Presidente Prudente/SP, focusing on the market located on Avenida Manoel Goulart, and to analyze the continuities and recent changes in its content from the perspective of the space-commerce-sociability triad. The methodology included a bibliographic review, field research, and the application of questionnaires. By exploring changes in commercial practices and social interactions, we contextualize these transformations within the broader scenario of urban evolution and commercial trends. The study highlights how street markets in Presidente Prudente not only resist change, but also reinvent themselves to meet the needs of a constantly evolving society. This work contributes to the understanding of the vitality and relevance of these spaces, providing a basis for future reflections on the interaction between space, commerce, and sociability in specific urban contexts

Keywords: public spaces, street fairs, place, sociability, local economy.

Lista de Figuras

Figura 1 – Acesso à feira livre da Avenida Manoel Goulart.....	29
Figura 2 – Amostra dos produtos frescos vendidos na feira livre da Av. Manoel Goulart.....	31
Figura 3 – Amostra do artesanato vendido na feira livre da Av. Manoel Goulart.....	31
Figura 4 – Amostra dos pacotes vendidos na feira livre da Av. Manoel Goulart.....	34
Figura 5 – Banheiro químico móvel cedido pela Prefeitura.....	35

Lista de Mapas

Mapa 1 – Feiras Livres de Presidente Prudente/SP.....	25
Mapa 2 – Trajeto da feira livre da Avenida Manoel Goulart.....	30
Mapa 3 – Mapa de fluxo dos frequentadores entrevistados.....	38
Mapa 4 – Localização de super e hipermercados da cidade de Presidente Prudente/SP.....	40

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Localização das Feiras Livres de Presidente Prudente/SP.....	24
Tabela 2 – Localização das Feiras da Lua em Presidente Prudente/SP.....	26
Tabela 3 – Localização da Feira da Reforma Agrária em Presidente Prudente/SP...	26
Tabela 4 – Esquema de aplicação dos questionários em formato de entrevista.....	36

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Faixa etária dos frequentadores entrevistados (em porcentagem).....	41
Gráfico 2 – Presença de feiras livres nos bairros informados nos questionários (em porcentagem).....	42
Gráfico 3 – Frequência dos entrevistados à feiras livres presentes em seus bairros (em porcentagem).....	43
Gráfico 4 – Entrevistados quando perguntados se gostariam de uma feira livre em seus bairros (em porcentagem).....	44
Gráfico 5 – Principal atração dos entrevistados em relação às feiras livres (em porcentagem).....	45
Gráfico 6 – Motivação dos entrevistados para frequentar a feira livre (em nº de frequentadores).....	46
Gráfico 7 – Entrevistados que se sentem incentivados a consumir além de sua lista de compras ou afazeres (em porcentagem).....	47
Gráfico 8 – Frequência dos entrevistados nas feiras livres da cidade por mês (em porcentagem).....	48
Gráfico 9 – Frequência nos dias e períodos em que é realizada a feira da Av. Manoel Goulart (em porcentagem).....	49
Gráfico 10 – Meio de locomoção usado para frequentar as feiras livres (em porcentagem).....	50
Gráfico 11 – Preferência dos entrevistados em relação às vantagens oferecidas pelas feiras livres em relação aos super e hipermercados (em porcentagem).....	51
Gráfico 12 – Opção dos entrevistados à outras feiras livres além da realizada na Av. Manoel Goulart (em porcentagem).....	52
Gráfico 13 – Feiras livres frequentadas pelos entrevistados, além da realizada na Av. Manoel Goulart (em nº de frequentadores).....	53
Gráfico 14 – Entrevistados quando perguntados se sabiam que a feira livre da Av. Manoel Goulart ocupou as duas pistas de tráfego (em porcentagem).....	54
Gráfico 15 – Entrevistados quando perguntados se gostariam que a feira livre da Av. Manoel Goulart operasse ocupando as duas pistas de tráfego (em porcentagem)...	55

Sumário

1. Introdução.....	15
2. Referencial Teórico e Justificativa.....	16
3. Presidente Prudente/SP: a história da cidade e das feiras livres.....	17
4. Objetivos.....	19
5. Metodologia e Procedimentos Metodológicos.....	20
6. A rua como espaço e lugar e a “morte da rua”.....	21
7. As feiras livres de Presidente Prudente/SP.....	24
7.1. Feira Livre da Avenida Manoel Goulart.....	29
7.2. Tipificação das feiras livres e dos feirantes.....	32
8. A presença das feiras livres nas mídias da cidade.....	34
9. Resultados.....	36
10. Considerações Finais.....	56
Referências.....	57
Apêndice A - Modelo do questionário aplicado aos frequentadores da feira livre da Avenida Manoel Goulart.....	61

1. Introdução

Integrada ao cotidiano de pequenos e grandes centros urbanos brasileiros, nas últimas décadas, a tradição das populares feiras livres desafia as novas formas de varejo alimentar, assim como o monopólio do automóvel no uso da rua.

Historicamente, reconhecemos a íntima relação entre a cidade e as feiras, com ampla visibilidade para a disposição de mercadorias, mas a presença de estradas e vias navegáveis também é um pressuposto. Desde a sedentarização, em grande parte atribuída às possibilidades de fixação decorrentes da agricultura e pecuária, o comércio de excedentes, então trocados em local específico e estratégico - do ponto de vista da facilidade de acesso aos cidadãos e viajantes - estão relacionados à origem de inúmeras cidades. Já na Antiguidade, as praças, centralizadoras da vida pública e do cotidiano, abrigavam mercados públicos e feiras livres (Benevolo, 2003).

Atualmente, dotada de periodicidade semanal, organizada pelo poder público municipal e voltada ao abastecimento de gêneros alimentícios, a feira livre no Brasil pode ser creditada a herança ibérica que foi combinada às práticas africanas e data do período colonial (Mascarenhas, Dolzani, 2008. p.75).

Se num primeiro momento sua prática e primazia era incontestável - em termos de economia, hábitos alimentares, costumes e cultura - é na contemporaneidade que os desafios se avolumam. De acordo com Mascarenhas e Dolzani (2008, p.75-82), correlacionam-se com a diminuição do hábito de ida à feira, a (in)segurança, a prevalência do automóvel no uso da rua e a hegemonia dos supermercados e hipermercados, portanto, desde o trabalho ao lazer, as diversas dimensões da vida urbana informam tal tendência.

Araújo e Ribeiro (2018, p.565-578) consideram que, se desejamos refletir sobre a estruturação das feiras livres, vale dar atenção especial ao papel que as escalas exercem sobre sua forma e funcionamento, conseqüentemente, o esforço de entendimento perpassa os elementos passíveis de categorização, tais como, o feirante, o tipo de feira, a técnica usada no produto, aos setores, as trocas, tipos de feirantes, relações de gênero, economia local, técnicas de vendas, identidade dos produtos e programas públicos de apoio que, por sua vez, consubstanciam os arranjos regionais.

Partindo desses pressupostos, na pesquisa que deu origem a essa Monografia de Bacharelado em Geografia, se inicia a pesquisa sobre as feiras livres de Presidente Prudente/SP, com especial atenção àquela que ocorre na Avenida Manoel Goulart.

2. Referencial Teórico e Justificativa

Considerando a persistência da questão da feira livre na paisagem urbana prudentina - expressa na totalidade de vinte e seis feiras livres geridas pelo poder público municipal - e admitindo o histórico do comércio praticado na Avenida Manoel Goulart como lócus por excelência de tal prática¹, justifica-se a escolha deste estudo de caso.

Explorando o acervo das plataformas Scielo, Google Acadêmico, Google Web e o Repositório Institucional UNESP, utilizando descritores correlatos às feiras, tais como: feira livre, feirante, abastecimento urbano, agricultura urbana, segurança alimentar e nutricional, Presidente Prudente; da mesma maneira, foram combinados os termos durante a pesquisa. Entretanto, à medida que desconsiderados os trabalhos que tratavam tangencialmente do tema, o saldo de trabalhos que abordaram o assunto diretamente é reduzido, limitando-se ao TCC de Moura *et. al.* (2018). Conforme indicado no título, essa monografia aborda, em sentido amplo, a trajetória da espacialização e historicidade das feiras livres de Presidente Prudente; em sentido estrito, aborda a feira da Avenida Manoel Goulart.

Mas, indo além de Presidente Prudente e focando no tema das feiras e da sua relação histórica com a cidade, dois outros trabalhos forneceram as bases para a realização da pesquisa que estamos propondo: Mascarenhas e Dolzani (2008); Araújo e Ribeiro (2018). No caso do primeiro, ainda que trate especificamente do caso do Rio de Janeiro, sua contribuição, produzida no campo da Geografia Urbana, vai no sentido de revelar em que medida a sociabilidade ou sua ausência equivale ao reforço da lógica fragmentária e ao distanciamento de uma territorialidade de fato popular. No caso do segundo artigo, por se tratar do resultado de pesquisa realizada no campo das Ciências Agrárias, para nossa pesquisa, a contribuição mais importante se limita à proposta de “tipificação das feiras”, cuja operacionalização nos

¹ A feira da Avenida Manoel Goulart foi tombada, enquanto patrimônio histórico, cultural e imaterial, a partir da Lei nº 9.840 de 2018. (PRESIDENTE PRUDENTE, 2018).

permite ir além de uma simples descrição, possibilitando realizar um diagnóstico das partes que compõem o todo.

Tendo em vista tanto a limitação da bibliografia disponível, quanto às possibilidades de uma pesquisa a ser realizada com vistas à elaboração de uma Monografia de Bacharelado em Geografia, optamos por direcionar nossa atenção à cidade de Presidente Prudente, cuja produção do espaço urbano vem sendo amplamente pesquisada (ABREU, 1972; SPOSITO, 1983; SPOSITO, GÓES, 2013), às suas feiras e, mais especificamente, ao caso da Feira da Avenida Manoel Goulart, atentando para suas permanências e mudanças.

3. Presidente Prudente/SP: a história da cidade e das feiras livres

Na conjuntura atual, segundo os dados coletados pelo IBGE no Censo 2022, Presidente Prudente conta com 225.668 habitantes, com área territorial de 560,637 km², resultando uma densidade demográfica de 402,52 habitantes por km², se localiza no interior paulista, considerada como capital do Oeste Paulista, por concentrar uma miríade de serviços e funções locais, visto que a cidade fica no extremo oeste do Estado de São Paulo.

A história da cidade de Presidente Prudente/SP remonta ao fim do século XIX e início do século XX, por dois fatores essenciais: a expansão do modal ferroviário para o interior do Estado - a Alta Sorocabana e a procura de novas terras para a implantação de cafezais (Abreu, 1972). Tal cenário foi marcado pela ação de dois coroneis, Francisco de Paula Goulart (filho de Manoel Goulart) e José Soares Marcondes, com suas terras margeando a linha férrea. Entretanto, por mais que o objetivo de ambos também fosse colonizar o interior paulista, comercializando suas terras, apenas a Vila Goulart, de 1917, obteve uma grande margem de sucesso, visto que a maior parte da cidade se desenvolveu nestas terras, incluindo seu centro comercial, e a Vila Marcondes, de 1919, não teve fôlego suficiente para expandir o perímetro urbano. Para além da cidade, o município foi regularizado oficialmente por Washington Luís, então Presidente da República, através da Lei nº 1798 de 28 de novembro de 1921 (Abreu, 1972, p.93).

Efetivando as potencialidades de ter se estabelecido como uma das maiores cidades do interior desde sua criação, sua área urbana sofre uma expansão sem precedentes a partir da segunda metade da década de 1970 (Sposito, 1983), mas

não livre de certas “barreiras”, como o Córrego do Veado² dividindo a cidade e a própria rodovia Raposo Tavares SP 270, ambas superadas em contextos diferentes.

Além disso, a inauguração do Prudenshopping³ se estabelece como um marco na produção do espaço urbano prudentino, por despontar como uma nova tendência no horizonte prudentino, com um novo padrão de consumo, valorizando seu entorno - incluindo o Parque do Povo - e também alterando as relações de comércio dos cidadãos⁴ (Góes *et. al.*, 2019).

A história das feiras livres, objeto de estudo deste trabalho, se esmaece na memória prudentina (Resende, 2006), com poucos dados. Foi resgatada em raras oportunidades, através de material acadêmico ou por outros meios, mas sua origem remonta a própria criação da cidade, sendo realizada às margens da ferrovia, posteriormente migrando para a Praça da Bandeira e, finalmente, foi transferida para a Avenida Manoel Goulart, no começo ocupando as duas faixas da avenida e por fim ocupando apenas uma faixa, onde permanece até hoje (O Imparcial, 2015).

O controle das feiras livres se deu principalmente através do poder público, ainda durante os anos 1930, através de regulamentações instituídas por lei, a primeira datando de 1978, através da lei nº 2025, instituída pelo então prefeito Paulo Constantino, regularizando os produtos ofertados, com regras e permissões e suas respectivas punições, enquanto a segunda, pela lei nº 2479, de 28 de maio de 1986, pelo prefeito Virgílio Tiezzi Junior, estabelece uma nova norma: a limpeza e higienização do espaço ocupado pela banca após o fim da feira, com penalidades quanto ao seu descumprimento e a última e mais recente neste aspecto, pela Lei nº 4866, de 19 de dezembro de 1997, pelo prefeito Enio Luiz Tenório Perrone (Moura *et. al.*, 2018), que institui seus dias e horários, produtos vendidos, normas, penalidades e outras competências, aprofundando o que foi regulamentado nas leis anteriores.

À partir da contextualização da Avenida Manoel Goulart, onde ocorre a principal feira da cidade, mas sem perder de vista as mudanças que caracterizam a produção do espaço urbano de Presidente Prudente nas últimas décadas, e da

² Atualmente canalizado e tamponado, foi convertido no atual Parque do Povo, em um processo iniciado durante os anos 1970, perdurando até o fim dos anos 1990 e começo da década de 2000, assim, se convertendo em um polo de serviços e edifícios residenciais.

³ Construído na década de 1990, com recursos públicos e privados e inicialmente administrado pelo Grupo Encalso e comprado pelo Fundo Imobiliário Vinci Shopping Centers FII em 2019, atualmente administrado pela Argo - Desenvolvimento e Gestão.

⁴ O primeiro *shopping center* de Presidente Prudente foi inaugurado em 1986, com o nome de Shopping Americanas. Atualmente, se chama Parque Shopping.

nossa proposta de adotar como perspectiva a tríade espaço-comércio-sociabilidade, para identificação das mudanças e permanências dessa feira, as principais perguntas que este trabalho busca responder são: 1. A feira da Avenida Manoel Goulart, apesar de sua centralidade, perdeu a capacidade de atrair cidadãos de diferentes segmentos socioeconômicos e moradores em espaços urbanos diversos? 2. As motivações que atraem os cidadãos para essa feira terão mudado? 3. O conteúdo da feira sofreu alterações?. Neste sentido, entendemos também que há a oportunidade de ampliar o debate sobre questões pertinentes, como a hegemonia das formas modernas de varejo alimentar que, associada a “morte da rua” (Holston, 1993; Choay, 1982 *apud* Mascarenhas, Dolzani, 2008), podem deflagrar a emergência da sociabilidade confinada. Nesse sentido, também questionamos: 4. Quais fatores apontam para a permanência da Feira da Avenida Manoel Goulart, em Presidente Prudente (SP)? 5. A emergência da “sociabilidade confinada”, que tem sido interpretada pelos pesquisadores que se dedicam às mudanças na produção do espaço urbano de Presidente Prudente, como tendência à “privatização” (Sposito, Góes, 2013), pode ser combinada com as permanências preliminarmente observadas nesta feira?

4. Objetivos

O objetivo geral deste estudo é contribuir para a compreensão das feiras livres na cidade de Presidente Prudente/SP, com foco na feira localizada na Avenida Manoel Goulart, analisando as permanências e mudanças recentes em seu conteúdo a partir da perspectiva da tríade espaço-comércio-sociabilidade.

Para atingir esse objetivo, propõe-se, inicialmente, elaborar um panorama geral das feiras livres de Presidente Prudente/SP, discutindo suas tendências com uma aproximação a Geografia Humanista, além disso, busca-se identificar as transformações no perfil dos frequentadores da feira da Avenida Manoel Goulart e compreender o papel da sociabilidade confinada como fator de permanência das feiras livres na cidade.

5. Metodologia e Procedimentos Metodológicos

A pesquisa desenvolvida teve como metodologia revisão bibliográfica, pesquisa de campo, e a aplicação de questionários. A revisão bibliográfica foi sobre temas como produção do espaço urbano, feira livre, espaço público, sociabilidade e comércio, permitindo uma compreensão aprofundada sobre a relação entre o espaço urbano e as práticas comerciais da feira.

A pesquisa de campo consistiu em observações sistemáticas e registros fotográficos, que documentam as interações sociais e as características do espaço, evidenciando a feira como um importante ponto de sociabilidade e de troca comercial na cidade.

A aplicação de questionários aos frequentadores da feira revelou as percepções sobre o espaço e os produtos comercializados, além de destacar o papel da feira na economia local. A pesquisa incluiu perspectivas qualitativas e quantitativas, focadas, sobretudo, nas práticas de diferentes cidadãos. Nesse sentido, levou-se em conta as considerações elaboradas pelos autores do livro “Metodologia de pesquisa em estudos urbanos” (2022), no que se refere às entrevistas com cidadãos e agentes bem-informados sob a perspectiva de análise da fragmentação socioespacial, além de definir “questionário” através das observações de Gil (1999)

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 1999, p. 121)

Complementando as caracterizações sobre metodologia, Gil (1999) ainda define dois tipos de questionários, baseados no modelo de aplicação, considerando esta divisão, os questionários aplicados aos frequentadores da feira livre da Avenida Manoel Goulart se enquadram como “questionários aplicados com entrevista ou formulários”.

Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados. Quando, porém, as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador, podem ser designados como questionários aplicados com entrevista ou formulários. (GIL, 1999, p. 121)

Por fim, foram elaborados produtos cartográficos que tornaram possível uma compreensão da configuração espacial da feira e sua inserção no contexto urbano,

contribuindo para uma análise mais detalhada sobre as dinâmicas de uso do espaço público.

6. A rua como espaço e lugar e a “morte da rua”

Antes de abordar o objeto de estudo deste trabalho, as feiras livres, é necessário abordar o âmbito espacial principal onde se desenrola todos os dias em algum lugar pela cidade, neste caso, a rua, considerando seu papel na vivência dos cidadãos e nas dinâmicas urbanas da cidade, considerando como ela apresenta uma multiplicidade de funções, considerando seus conceitos básicos na geografia, a partir do momento em que a feira livre é capaz de mudar a função do espaço e do lugar.

Neste caso, como se define o que é espaço e o que é lugar, já ambos os conceitos podem gerar uma certa confusão, dificultando a distinção entre um e outro, ainda mais considerando que são conceitos frescos na história da geografia, tendo em mente o levantamento feito por Holzer (2019), visto que as obras dos principais geógrafos que abordaram esta temática datam da segunda metade do século XX.

Ainda pautando Holzer (2019), que expõe a dinâmica do conceito de lugar antes deste período, esclarecendo que “até o século XX seu sentido foi muito mais nocional do que conceitual, ou seja, era utilizada no senso comum de demarcação de uma condição, posição ou situação espacial ou social” (Holzer, 2019, p.131), ou seja, ainda fazendo jus ao seu significado mais literal e à etimologia da palavra lugar, derivada de origem latina, *lôgar* ou *lôcus*, com local como adjetivo mais próximo (Oliveira, 2014)

Ao aproximar o termo lugar de conceituações mais modernas, ele passa a ser mais subjetivo, indo além do espaço e do tempo, como apontado por Oliveira (2014, p. 5), “a concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, o lugar é tempo lugarizado, pois entre o espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria”, ou seja, um único espaço tem a capacidade de abrigar diversos lugares, mesmo que ainda não seja visíveis, o que acaba nos levando para Tuan (2013) quando o mesmo diz que o significado do lugar muda conforme o crescimento da pessoa que o experiencia, com o acréscimo de sentimentos e relações desenvolvidas nele através do tempo.

Ao abordar o lugar de estudo, neste caso, a feira livre, a partir desse conceito, observa-se uma aderência imediata, visto que a rua é o espaço em que o lugar “feira livre” se refaz e se redefine, por um período de tempo, o valor sentimental que ela carrega também se reforça através do tempo e da experiência daqueles que a frequentam.

É importante ponderar também que a feira livre também redefine o caráter do lugar “rua”, que possui uma função e um valor sentimental completamente diferente, que atualmente designada apenas à passagem de veículos, sendo estéril e relativamente sem vida durante este tempo, mas que com a feira livre ganha vida, cor e se transforma em âmbito de outras relações, sejam elas comerciais ou pessoais, com aqueles que a frequentam.

Todavia, a rua enquanto espaço público adquire outras camadas para além do lugar, já que cada pessoa também percebe e experimenta o espaço de formas diferentes, como abordado por Tuan (2013, p. 49), onde considera o espaço como um termo guarda-chuva abstrato para um conjunto de ideias, ainda considerando as culturas e visões de mundo daqueles que usufruem o espaço, e ainda continua, ao considerar a espacialização do ser humano como centro do espaço.

Toda pessoa está no centro de seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema de seu corpo. Quando ele se move e vira, também o fazem as regiões frente-atrás e direita-esquerda e ao seu redor. (TUAN, 2013, p. 56)

Neste caso, as mesmas percepções que afetam o lugar (idade, vivência e sentimentos) também afetam as percepções do espaço, quando consideradas as noções de espaço previamente enraizadas na sociedade e como elas afetam a nossa percepção particular, a forma que vemos o espaço, ao separar espaços e lugares seguros e perigosos, por exemplo, essa separação não parte da vivência da própria pessoa, mas sim das vivências, experiências e preconceitos do coletivo. DaMatta (1991, p. 33) acaba corroborando essa linha de pensamento quando diz que “do mesmo modo, para que se possa ‘ver’ e ‘sentir’ o espaço, torna-se necessário situar-se”, isto é, a concepção do espaço se forma com a vivência e experiência, seja ela individual ou coletiva.

Assim, a rua não é exceção a este conceito, já que o espaço “rua” também é composto por tais vivências e experiências, por exemplo, a rua durante o dia tem certa segurança, mas a rua durante a noite passa a ser perigosa, e o nível desse perigo aumenta dependendo do bairro no qual ela está inserida, ou mesmo, usando

o exemplo aplicado por DaMatta (1991, p. 34), a forma como a posição de moradias ou outros endereços é personalizada e até mesmo íntima, ao depender de quem informa, usando pontos de referência e outros artifícios para guiar aqueles que precisam de direção, e isto também é aplicado em feiras livres, ao passo que as barracas e ambulantes não possuem logradouro, então, a única forma de encontrá-los e guiar os outros é através de pontos de referência, que depende exclusivamente do imaginário de quem guia.

Contudo, até mesmo este tipo de espaço e lugar - a rua - é passível de uma “morte” mais subjetiva, ou seja, uma transformação, já que a rua como espaço físico ainda vai existir, porém o caráter que ela possui como um espaço público de convivência é que corre risco de se homogeneizar, se transformando em um ambiente com função única, neste caso, a passagem do automóvel. Por mais que a crítica de Holston (2010) seja direcionada a Brasília, ela também se aplica às outras cidades médias e grandes brasileiras, quando ele aponta a predominância do automóvel no Plano Piloto, com suas largas vias expressas e a total ausência de calçadas.

A ausência do rito de passagem das esquinas só vem indicar aqui um dos traços mais distintivos e radicais da modernidade de Brasília: a ausência das ruas. Brasília substitui a rua por vias expressas e becos residenciais; o pedestre, pelo automóvel; e o sistema de espaços públicos que as ruas tradicionalmente estabelecem é substituído pela visão de um urbanismo moderno e messiânico. (HOLSTON, 2010, p. 109)

Considerando os apontamentos de Holston (2010), como a “morte da rua” se desenha atualmente? Tal circunstância tem se tornado cada vez mais possível com a preferência do automóvel em detrimento das relações que se desempenham na rua, neste caso, com faixas de trânsito mais largas, mais espaços para estacionar nas ruas, mas claro que isso não é algo que nasceu de imediato, porém sendo algo enraizado na história brasileira, através da modernidade messiânica, como disse Holston anteriormente, mas também com o advento da cidade do automóvel, uma cultura herdada dos Estados Unidos, como um sinal de avanço e progresso para o futuro.

Não obstante, do lado oposto a “morte da rua” se encontra a feira livre e outros eventos que ocupam e ressignificam a rua como seu espaço principal, empenhados, mesmo que seja de forma indireta ou inconsciente, a devolver a rua para seus cidadãos como um espaço público acessível e um lugar de convivência,

que tem seu caráter modificado por todos aqueles que a frequentam, o que nos leva a Lefebvre, considerando a forma urbana.

Para resolver essa contradição pode-se imaginar uma mobilização completa, não da população, mas do espaço. Que o efêmero dele se apodere. Que todo lugar torne-se multifuncional, polivalente, transfuncional, com um incessante "*turn over*" das funções; que grupos tomem espaços através de atos e construções expressivas, rapidamente destruídas (exemplo admirável de um espaço modelado conjunturalmente, modificado por um grupo ativo: o terreno das grandes exposições e notadamente a de Montreal; uma cidade efêmera surgiu de um sítio transformado, cidade magnífica, onde a cotidianidade foi incorporada pela festa, onde o urbano exibe-se em seu esplendor). (Lefebvre, 2002, p. 122)

Assim, considera-se um esforço do todo, do espaço e da população para a reconfiguração do espaço urbano, acabando com a homogeneidade proposta atualmente, com o fluxo do automóvel, neste caso, o feirante, a sua barraca e aqueles frequentam a feira contribuem para a ressignificação do espaço público conhecido como rua.

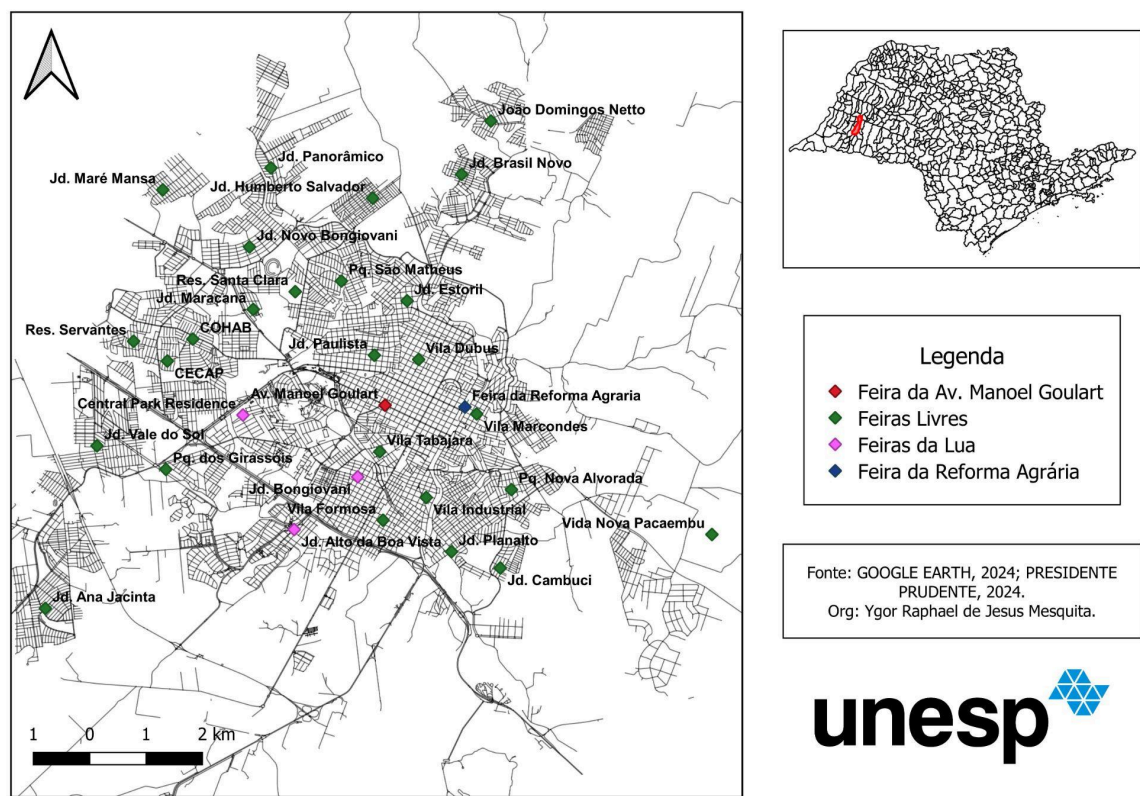
7. As feiras livres de Presidente Prudente/SP

No presente momento, observa-se 27 feiras públicas na paisagem prudentina, de acordo com o que é informado pelo site da prefeitura da cidade e canais de notícias, com um leque comercial relativamente amplo, contando em sua maioria, com produtos frescos de primeira necessidade, alimentos prontos ou preparados no local, artesanato, floricultura e plantas para jardim, além do ocasional comércio de bugigangas e outros produtos.

Para além das feiras regulares, a cidade também registra mais quatro feiras, sendo 3 conhecidas como "Feiras da Lua", com enfoque maior para o produtor rural e à agricultura familiar, com comércio de produtos frescos e recém-colhidos, além de artesanato e uma praça de alimentação com alimentos preparados no local, entretanto, algo que se sobressai sobre estas é a sua localização, sendo as três realizadas em bairros de classe média elevada e próximas a condomínios fechados ou mesmo inseridas neles, e a outra refere-se à Feira da Reforma Agrária, realizada pelo Galpão da Lua, em parceria com a Consulta Popular e do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) regional, tal feira também oferta produtos orgânicos frescos, mercadorias artesanais e artesanato em geral, entretanto, possui

um caráter mais esporádico, sendo realizada em dias específicos, mas sempre no dia de sábado.

Mapa 1 – Feiras Livres de Presidente Prudente/SP



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Tabela 1 – Localização das Feiras Livres de Presidente Prudente/SP

ENDEREÇO	BAIRRO	DIA	HORÁRIO
Avenida Manoel Goulart	Centro	Sábado e Domingo	16:00 – 22:00 06:15 – 12:00
Rua Pedro de Toledo	Vila Industrial	Terça	06:15 – 12:00
Rua João Salvador	Novo Alvorada	Terça	06:15 – 12:00
Rua Gabriel Octávio de Souza	Jardim Paulista	Quarta	06:15 – 12:00
Rua Túlio Cechetti	Vila Formosa	Quarta	06:15 – 12:00
Rua Benjamin Constant	Vila Marcondes	Quinta	06:15 – 12:00
Rua das Palmeiras	COHAB	Quinta	06:15 – 12:00

Rua General Osório	Vila Dubus	Sexta	06:15 – 12:00
Rua Pierre de Almeida Leitão	Jardim Planalto	Sexta	06:15 – 12:00
Rua Archimedes Sanches	Vila Tabajara	Sábado	06:15 – 12:00
Rua Francisco Trevia	Jardim Estoril	Sábado	06:15 – 12:00
Rua das Flores	CECAP	Sábado	06:15 – 12:00
Rua João Martinez Perez	Res. Servantes	Terça	16:00 – 22:00
Av. Francisco Barbosa da Silva	Brasil Novo	Terça	16:00 – 22:00
Rua Odécio Henrique de Mello	Maré Mansa	Terça	16:00 – 22:00
Rua Amélio Domingos Mungo	Res. Santa Clara	Terça	16:00 – 21:00
Rua Arlindo Pereira Alves	Jardim Maracanã	Quarta	16:00 – 22:00
Rua Meyre Peretti Avelino	São Matheus	Quarta	16:00 – 22:00
Rua José Quirino da Silva	Panorâmico	Quarta	16:00 – 22:00
Rua José Pereira Júnior	Pq. dos Girassois	Quinta	16:00 – 22:00
Av. Raimundo Nonato de Lima	Ana Jacinta	Quinta	16:00 – 22:00
Avenida João Domingos	Humberto Salvador	Quinta	16:00 – 22:00
Rua Irene Faustino Sanches	Jardim Vale do Sol	Sexta	16:00 – 22:00
Rua Salvador Bongiovani	Cambuci	Sexta	16:00 – 22:00
Rua Cerata Donzeli Bongiovani	Novo Bongiovani	Sexta	16:00 – 22:00
Rua João Ferreira de Souza Filho	Res. Vida Nova Pacaembu	Sexta	16:00 - 22:00
Av. Maria Menezes Alcântara	João Domingos Neto	Sábado	16:00 – 22:30

Fonte: Presidente Prudente, 2024.

Tabela 2 – Localização das Feiras da Lua em Presidente Prudente/SP

ENDEREÇO	BAIRRO	DIA	HORÁRIO
Rua José Bongiovani	Jardim Bongiovani	Segunda	18:00 – 21:00
Av. Vereador Aureliano Coutinho	Alto da Boa Vista	Terça	18:00 – 21:00
Av. Mathias Mendes Cardoso	Central Park Residence	Terça	18:00 – 21:00

Fonte: Presidente Prudente, 2024; Moura *et. al.* (2018).

Tabela 3 – Localização da Feira da Reforma Agrária em Presidente Prudente/SP

ENDEREÇO	BAIRRO	DIA	HORÁRIO
Rua Júlio Tiezzi	Centro	Sábado	09:00 – 13:00

Fonte: Facebook, 2024.

Não obstante, se forma um impasse ao afirmar que o público-alvo destas feiras são os moradores dos bairros e condomínios ao entorno, ao se pautar o modo de vida proposto nestes espaços fechados, partindo do “viver entre iguais” até certas formas de consumo (Góes *et. al.*, 2019; Sposito, Góes, 2013), que transita entre as escalas de comércio – do local ao internacional, com preferência a realizar compras em outros países – ao se estabelecer uma forma de comércio integralmente “íntima”, dependente da relação entre feirante e freguês, dentro de um enclave fortificado, penetrando uma barreira imposta pela autosegregação, levando uma parcela do “mundo exterior” do lado de fora dos muros, com a dinâmica da feira livre.

Tal dinâmica esta que estabelece um choque acirrado em uma frente dividida em duas, proveniente do modo de vida “moderno”, sendo a primeira a ocupação de um espaço público com uma função pré-determinada, mas capaz de lhe atribuir outro significado com a realização da feira livre, ou seja, a rua; e a segunda representada pela facilidade e conforto providos por super e hipermercados (Mascarenhas; Dolzani, 2008), relativizando a subjetividade da prática de comprar e consumir e removendo o ato de “pechinchar”, proveniente da relação construída entre feirante e consumidor, Sobarzo Mino (2004) também exemplifica de forma precisa como estas conexões afetivas se formam e se fortalecem.

Nesse sentido, pensemos nas relações afetivas que se estabelecem entre vendedores e compradores, que vão do hábito de cumprimentar até a fidelidade da compra segura nessa ou naquela banca. A feira também constitui espaço de troca de informações e opiniões das mais diversas naturezas: os preços e a qualidade dos produtos, a economia do país, a política, a situação do time de futebol etc. (SOBARZO MINO, 2004, p.168)

Ao observar com mais atenção os sujeitos envolvidos com a primeira fase e seu histórico, em especial a rua, que se dispõe como espaço principal das feiras livres, nota-se que seu significado foi se alterando com o passar dos anos, como evidenciado por Mascarenhas e Dolzani (2008, p.76), passando de um espaço público de convivência e lazer familiar para um espaço árido e sem vida feito exclusivamente para a passagem de automóveis, assim se manifesta tal conflito, com as feiras livres retornando o antigo significado da rua nos tempos modernos, com suas barracas e produtos, fazendo uso da mística que envolve frequentar a feira, seja pra comer seu tradicional pastel ou fazer a “feirinha da semana”, além de permitir encontros fortuitos com amigos, familiares e pessoas que fazem parte da rotina diária e da vivência do cotidiano, que por ventura, acabam reforçando os laços de sociabilidade (Sobarzo Mino, 2004).

O que nos leva à nova disputa, provocado pela modernização das formas de comércio varejistas e atacadistas, capazes de oferecer uma gama maior de produtos, além dos que são ofertados nas feiras livres – mas nem sempre com a mesma qualidade - além de uma infraestrutura mais avançada, disponibilizando conforto e praticidade, através de ambientes climatizados e amplos estacionamento, mas como dito antes, criando uma dinâmica impessoal e sem vida, com pouca interação com os caixas, os funcionários e até mesmo outros frequentadores desses ambientes.

Distintamente, pode-se observar que isto alinha-se com certas estratégias de marketing e propaganda, que podem induzir certa preferência por frequentar estes estabelecimentos, seja por promoções e melhores ofertas ou mesmo por ser um espaço com estacionamento privativo, mais segurança para seus usuários, com mais controle e vigilância em suas entradas e gôndolas, que por ventura, pode ser conduzido ao modo de vida proveniente dos enclaves fortificados previamente abordados, ou seja, o viver entre iguais, se justificando pela segurança e arraigado pelas classes sociais, ou por outro lado, simplesmente ser uma forma mais adaptada

ao tempos atuais, assim relegando as tradições do comércio informal que é a feira livre.

7.1. Feira Livre da Avenida Manoel Goulart

Entre as feiras livres de Presidente Prudente/SP, a feira da Avenida Manoel Goulart caracteriza-se como caso excepcional, entrelaçada com a história da própria cidade, sendo a primeira feira livre realizada na cidade e também como lócus de comércio informal, ao abarcar outros produtos além dos comumente comercializados em uma feira livre de rua,.

Mesmo que sua localização tenha se alterado ao decorrer dos anos, ainda se manteve próxima ao quadrilátero central da cidade, que também é o centro comercial e administrativo do município desde sua fundação, além de ampliar sua área de ocupação neste mesmo intervalo de tempo, consagrando-se como a maior feira livre da cidade atualmente, contando mais de 200 barracas e ocupando seis quarteirões, como visto parcialmente na Figura 1, a partir de um dos acessos da feira, e a disposição completa do trajeto na feira no Mapa 2.

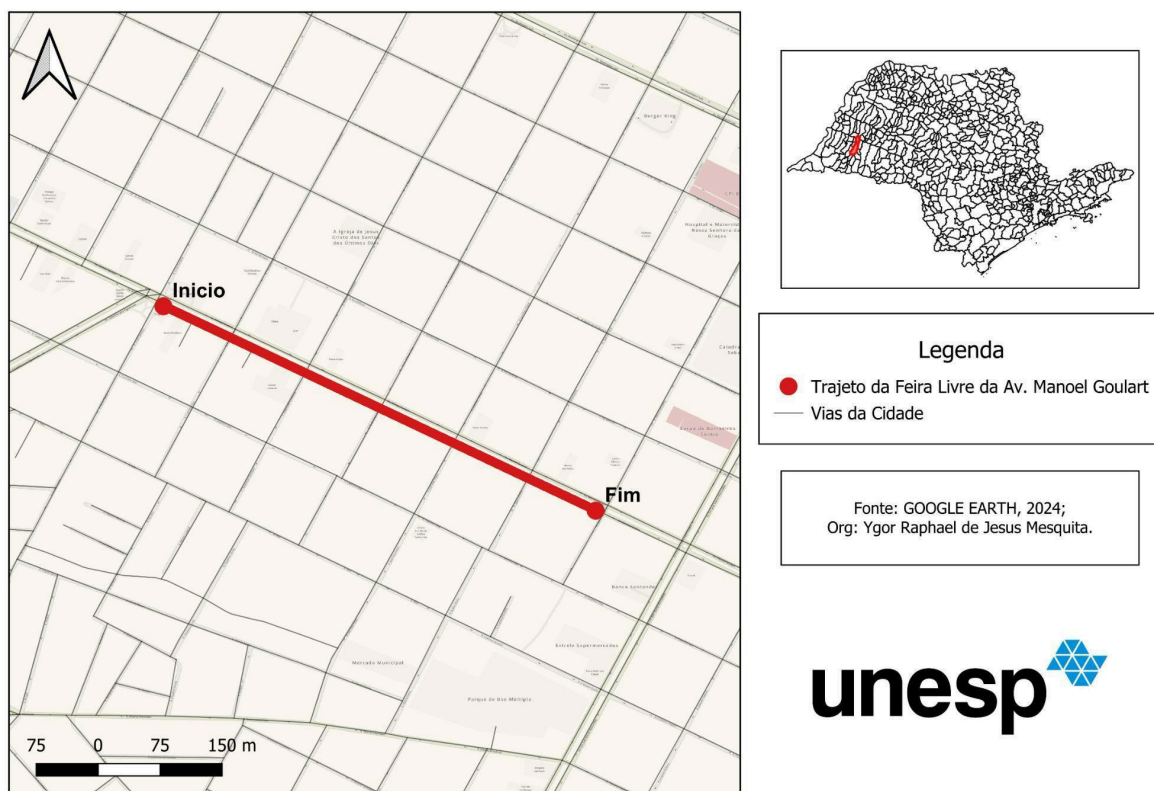
No ano de 2018, a feira livre localizada na Avenida Manoel Goulart recebeu o reconhecimento oficial como patrimônio histórico da cidade por meio de um projeto de lei (O Imparcial, 2018; Presidente Prudente, 2018).

Figura 1 – Acesso à feira livre da Avenida Manoel Goulart



Fonte: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Mapa 2 – Trajeto da feira livre da Avenida Manoel Goulart



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Ao analisar o fluxo de pessoas na feira livre da Avenida Manoel Goulart nos dias de sua realização, isto é, aos sábados e domingos, torna-se evidente que cada um desses dias apresenta distintos perfis de comércio e frequentadores. Há uma integração notável entre ambos, considerando que um morador da cidade pode frequentar a feira em ambos os dias, embora com propósitos distintos e possivelmente utilizando meios de transporte diferentes - a pé, de carro (próprio ou por aplicativo de transporte) ou ônibus tanto intra quanto interurbano.

A feira livre aos sábados exibe uma atmosfera mais acolhedora, com uma faixa de frequentadores ampla, independentemente da idade ou local de residência, originando-se de diferentes bairros da cidade, seu propósito vai além da simples aquisição de alimentos de primeira necessidade, destacando-se o interesse em alimentos prontos e a compra de outras mercadorias, além disso, chama a atenção a presença de uma área simples destinada ao entretenimento infantil montada logo na entrada e outra mais ampla no outro extremo do percurso da feira, no último quarteirão, próximo à avenida Coronel José Soares Marcondes.

Figura 2 – Amostra dos produtos frescos vendidos na feira livre da Av. Manoel Goulart



Fonte: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Figura 3 – Amostra do artesanato vendido na feira livre da Av. Manoel Goulart



Fonte: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Nos domingos de manhã, observa-se uma dinâmica inversa, caracterizada por um ritmo mais tranquilo, a busca por alimentos essenciais torna-se o foco predominante, atraindo principalmente pessoas de idade mais avançada, embora não exclua a presença de outras faixas etárias participando da feira nesse dia, também em busca de mantimentos frescos, produtos naturais e mercadorias artesanais.

7.2. Tipificação das feiras livres e dos feirantes

A tipificação das feiras apresentada aqui será fundamentada principalmente nas onze categorias propostas por Araújo e Ribeiro (2018), essas categorias delineiam tanto a feira livre quanto o feirante em si, considerando aspectos como a renda gerada, produto comercializado e a maneira como o feirante promove seus produtos aos consumidores, potencialmente formando uma clientela leal no futuro próximo, ainda considerando uma rigorosa observação das relações desenvolvidas na feira livre da Avenida Manoel Goulart.

As feiras livres em Presidente Prudente, incluindo as Feiras da Lua e a Feira da Reforma Agrária, se enquadram nos padrões delineados por Araújo e Ribeiro (2018, p.566), os quais incluem a "feirinha" ou "feira livre" (com a participação de agricultores familiares), a "feira de usina" (oferecendo produtos agrícolas e industrializados, atendendo às suas proximidades, um tipo comum na região Nordeste) e a "feira urbana de abastecimento" ou "feira do produtor" (com a presença do produtor direto), no entanto, a maioria das feiras livres da cidade não seguem um modelo distinto, mas sim uma combinação com características específicas de cada um.

O que foi mencionado anteriormente também se aplica ao perfil dos feirantes, que pode variar de acordo com o local de venda e o dia escolhido para comercializar na feira, seja com sua própria produção ou com mercadorias adquiridas, no caso de Presidente Prudente, é predominante que o mesmo feirante participe de outras feiras espalhadas pela cidade, além da Feira da Avenida Manoel Goulart.

Outra categoria dos tipos de feirantes, conforme também discutido por Araújo e Ribeiro (2018, p. 567-568), é a dos "convencionais", que comercializam os mesmos produtos e competem entre si, tal categoria se divide em duas subcategorias: aqueles que produzem a maioria ou toda a mercadoria que vendem, os "tradicionais", e os que adquirem e revendem mercadorias, os "intermediários" ou "comerciantes". Além disso, há uma classificação baseada nos produtos vendidos: os "barraqueiros" que oferecem alimentos prontos, os "feireiros" com produtos da agroindústria familiar, os "raizeiros" que comercializam remédios e artigos medicinais. Vale destacar que o ambiente da feira livre também atrai outros tipos de serviços, como artesanato, artistas e manifestações culturais, bem como vendedores

ambulantes, observa-se que as feiras de Presidente Prudente abrigam feirantes que se enquadram nessas categorias, cada um desempenhando a função especificada.

Os setores, representando divisões internas da feira destinadas ao comércio de produtos semelhantes, constituem uma prática mais difundida nas regiões Nordeste e Norte, conforme exemplificado por Araújo e Ribeiro (2018) com a “feira de mangaio”⁵ e outras especializadas em mercadorias únicas, como carne, peixe, açaí e farinha. Entretanto, é importante destacar que essa prática não é observada nas feiras livres analisadas neste estudo, mas já foi considerada a elaboração de um projeto com esse propósito (Moura *et. al.*, 2018).

A tipologia abordada aqui também compreende outras categorias relevantes: a renda, os preços e a economia local, estes elementos exercem um impacto significativo na vida dos feirantes, uma vez que uma parcela expressiva depende exclusivamente dos ganhos obtidos nas feiras livres como fonte principal de renda. Contudo, é imperativo ressaltar que essa renda está sujeita a flutuações e influências de diversos fatores, tais como a qualidade e disponibilidade de estoque de mercadorias, sazonalidade na produção, além da concorrência entre feirantes e com outros estabelecimentos, a exemplo de mercadões, sacolões, super e hipermercados, além disso, outros fatores econômicos podem direcionar o consumidor para diferentes locais de compra ou, até mesmo, resultar na decisão de não realizar qualquer compra.

Certamente, o feirante demonstra traquejo social e emprega estratégias eficazes para comercializar seus produtos, isso inclui a elaboração de pacotes de desconto ao adquirir quantidades específicas - por exemplo, quatro pacotes por R\$10,00 (dez reais), em vista de comprar apenas um pacote por R\$4,00 (quatro reais) -, criando uma vantajosa situação tanto para o consumidor quanto para o feirante.

⁵ A feira de mangaio, também conhecida pelos pernambucanos como feira do mangangá, é uma feira regional do Nordeste que se destaca pela comercialização de diversos produtos artesanais, abrangendo desde itens domésticos até produtos relacionados à agropecuária e fármacos, configurando-se como uma feira livre (Navarro, 2013 *apud* Taveira, 2020).

Figura 4 – Amostra dos pacotes vendidos na feira livre da Av. Manoel Goulart



Fonte: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Além disso, destacar características específicas do produto, seja na embalagem, com placas ou faixas, utilizando frases como "produto natural", "direto da roça" ou "feito em casa", acaba contribuindo para a identidade única do produto (Araujo Ribeiro, 2018). Essa abordagem não apenas atrai uma clientela mais ampla, mas também gera uma divulgação boca a boca positiva, à medida que os consumidores satisfeitos compartilham suas experiências, ampliando ainda mais a visibilidade e a aprovação dos produtos comercializados.

8. A presença das feiras livres nas mídias da cidade

Para além dos avisos paroquiais sobre a realização da feira e seus horários em datas comemorativas, feriados e similares, a visibilidade das feiras nos meios de comunicação da cidade tem o propósito de destacar sua importância e contribuição para a comunidade, divulgando também a criação de novas feiras e as melhorias requisitadas pelos feirantes para o aprimoramento contínuo do espaço, como a implementação de banheiros químicos na feira da Avenida Manoel Goulart e nas outras feiras da cidade.

A implementação dos banheiros químicos móveis recebeu aprovação por meio de um projeto de lei, atendendo a uma solicitação tanto dos feirantes quanto da população (Moura *et. al.*, 2018; G1, 2018), essa medida visa satisfazer as necessidades de todas as feiras da cidade, bem como de outros eventos públicos comerciais e socioculturais (O Imparcial, 2019), quando atendem na feira da Avenida Manoel Goulart, ficam localizados na Rua Quinze de Novembro.

Figura 5 – Banheiro químico móvel cedido pela Prefeitura



Fonte: G1, 2018.

Outras notícias interessantes dizem respeito às solicitações dos residentes para estabelecer e preservar feiras em seus bairros, de um lado, há um bairro que teve sua feira extinta, mas mantém uma conexão com os feirantes que ainda permanecem na região (O Imparcial, 2017), e do outro lado, um bairro recentemente inaugurado planeja sediar uma feira livre, impulsionado principalmente pela demanda de seus moradores (O Imparcial, 2022), é possível considerar que tal iniciativa busca conciliar o útil ao agradável, considerando que a lei 8.920/2015 concede um desconto de 50% no IPTU para imóveis localizados em ruas que abrigam feiras livres.

Certamente, não podem faltar as notícias e crônicas repletas de saudosismo, destacando as memórias construídas entre feirantes e consumidores, bem como as

tradições preservadas pelos protagonistas da feira livre, os próprios clientes expressam abertamente a preferência por comprar e frequentar a feira em detrimento de optar pelo mercado.

Às vezes, nos mercados, os preços estão até mais baixos, mas eu gosto mesmo é da feira! (O IMPARCIAL, 2018)

Ah, nos mercados, embora bons, os produtos não são fresquinhos como os que encontramos nas bancas da feira. Então, vale a pena pagar um pouquinho mais caro, mas ter saladas, por exemplo, mais crocantes na mesa. Sem contar que é muito gostoso passear na feira [risos] (O IMPARCIAL, 2018)

Por último, é fundamental destacar a cooperação entre os feirantes para superar possíveis desafios que possam surgir em seu caminho, bem como para buscar aprimoramentos. Isso inclui esforços para preservar a feira da Avenida Manoel Goulart, conforme mencionado anteriormente, e, também, para introduzir novas ideias na dinâmica das feiras livres, transformando-as em tópicos discutidos durante reuniões com a prefeitura (O Imparcial, 2018; G1, 2019).

9. Resultados

Analisar os resultados de uma pesquisa sobre este tipo de sociabilidade é como abrir uma janela para entender melhor o que as pessoas estão pensando e sentindo, tais resultados ajudam a visualizar o comportamento e as opiniões dos participantes, trazendo informações importantes sobre o tema estudado, mas além disso, eles podem mostrar tendências que talvez a gente não tenha percebido antes, apontando direções para melhorias e decisões mais acertadas.

Ao interpretar estes dados, conseguimos ver padrões e ligações que podem ser essenciais para criar estratégias e soluções inovadoras, além disso, é importante ler e interpretar esses resultados com atenção para avançar na caracterização dos processos envolvidos, considerando a atual conjuntura na qual tais dados foram coletados, de modo a compreender os resultados e fazer recomendações que podem impulsionar o avanço no campo de estudo, contribuindo para valorizar a ocorrência das feiras livres.

Os dados que aqui serão analisados foram coletados por meio de questionários aplicados, neste caso, as perguntas foram aplicadas de forma oral e as respostas informadas registradas em formulários separados para cada

colaborador. O questionário foi segmentado em 12 questões principais e 4 sub-questões, totalizando 16 perguntas (vide Apêndice), ao todo, foram aplicados 100 questionários com frequentadores da feira livre da Av. Manoel Goulart, durante o período de ocorrência da mesma, nos dias 17,18, 24 e 25 de agosto de 2024, conforme esquematizado a seguir.

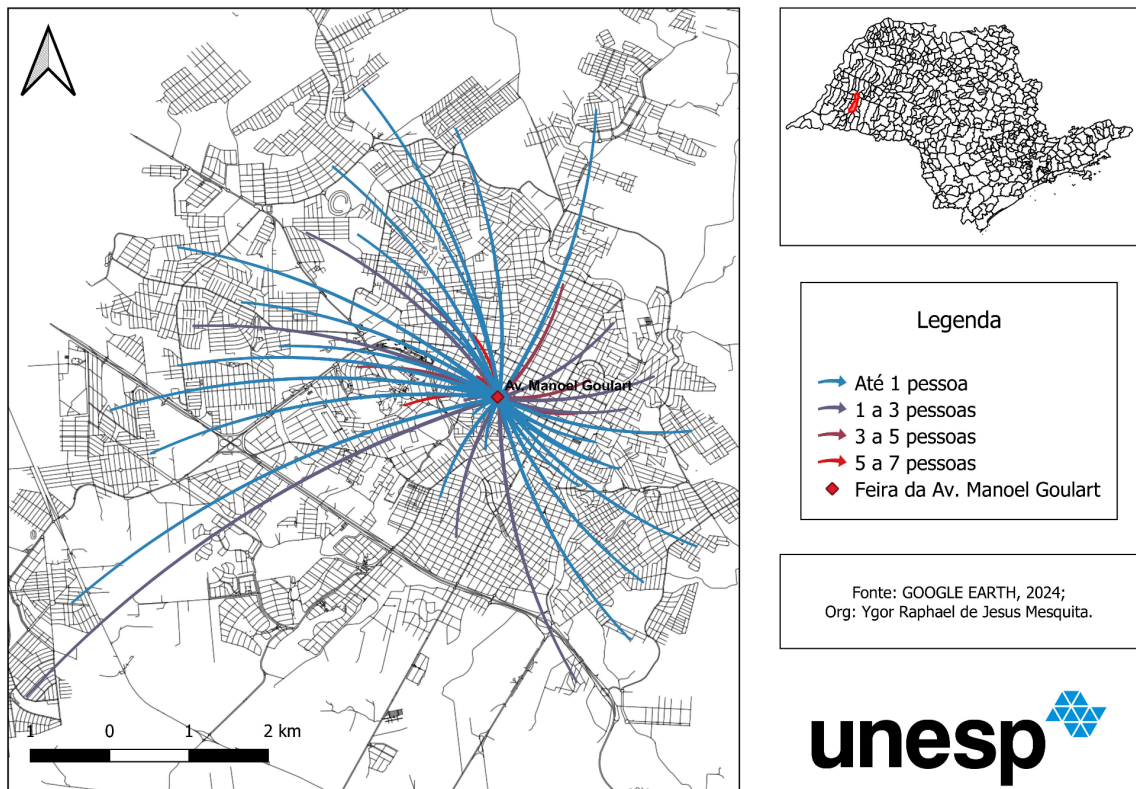
Tabela 4 – Esquema de aplicação dos questionários em formato de entrevista

Datas de aplicação	Nº de entrevistados
17/08/2024 (sábado - noite)	30 pessoas
18/08/2024 (domingo - manhã)	20 pessoas
24/08/2024 (sábado - noite)	20 pessoas
25/08/2024 (domingo - manhã)	30 pessoas
Total entrevistado	100 pessoas

Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

O conjunto das respostas obtidas com a primeira pergunta é capaz de fornecer um padrão dos frequentadores da feira livre da Av. Manoel Goulart, considerando apenas o bairro em que residem, e que os bairros mais citados são aqueles que ficam nos entornos da feira livre, mas ainda assim, foi observado um grande leque de bairros, até mesmo aqueles que são mais distantes do local estudado, exibindo como a feira livre aqui analisada é usufruída por uma diversidade de cidadãos, independente do local onde residem, como pode ser visto no mapa a seguir.

Mapa 3 – Mapa de fluxo dos frequentadores entrevistados.



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

A compilação das informações mostrou um total de 45 bairros informados, com exceção de 1 entrevistado, que optou por não declarar o bairro onde reside, entretanto, para além do número de frequentadores, percebe-se que, majoritariamente, são todos bairros populares de classe de renda média ou baixa, não constando a presença de nenhum condomínio ou bairros exclusivamente de classe alta conhecidos na cidade, mas isto não é o suficiente para descartar uma possível presença de moradores destas regiões nas feiras livres da cidade.

Considerando as observações feitas por Góes *et. al.* (2019) quanto ao ato de ir ao supermercado, é possível fazer certas inferências quanto a tal cenário na cidade de Presidente Prudente, através da distribuição de super e hipermercados pela malha urbana, o ato de ir ao supermercado está envolto em uma série de nuances, entre elas: a localização do estabelecimento e a forma de acessar este estabelecimento. Observando o Mapa 4, é perceptível a disparidade na distribuição de super e hipermercados, salvo três casos, dois no Conjunto Habitacional Ana Jacinta e um no Residencial Vida Nova Pacaembu, nenhum supermercado se

estende para as margens do perímetro urbano, deixando estes bairros a serviço dos estabelecimentos menores.

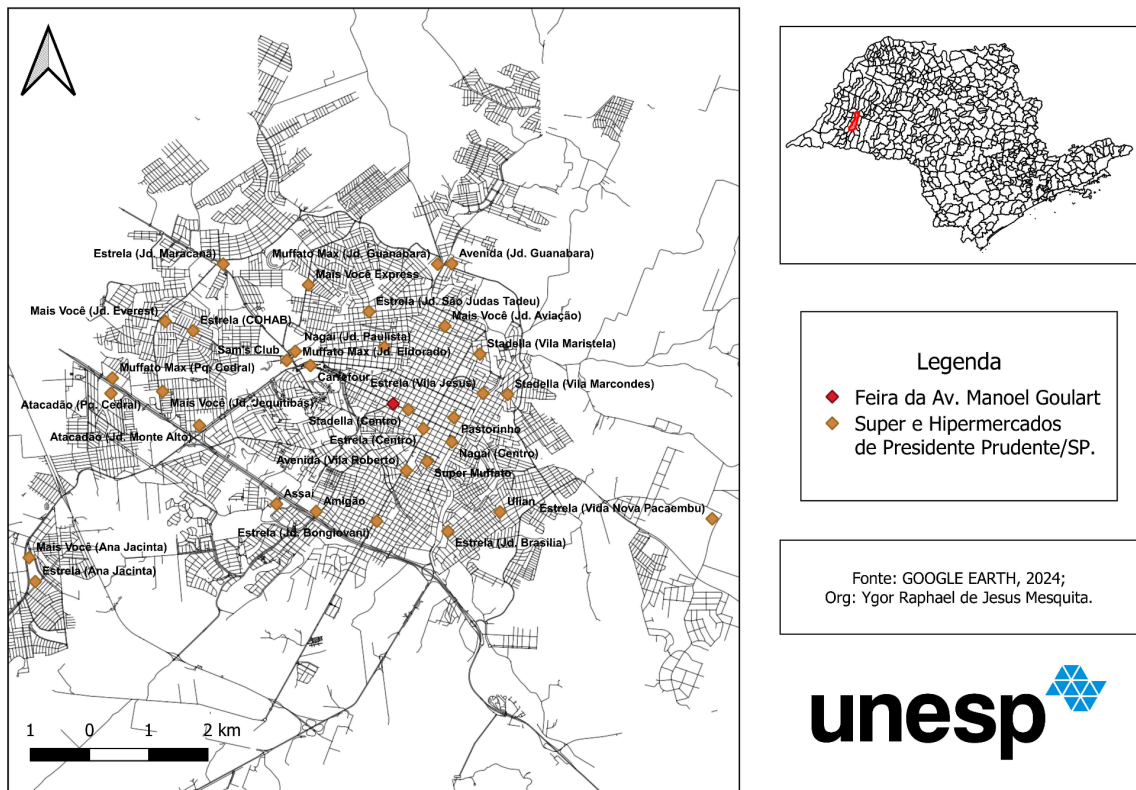
O que acaba levando a segunda nuance, a forma de acesso aos super e hipermercados, ao passo que, uma parte dos grandes estabelecimentos de comércio (com atacado e varejo) se localizam às margens da Rodovia Raposo Tavares, que corta uma parte da cidade e a outra como um cluster de três estabelecimentos, no cruzamento da Avenida Manoel Goulart com a Avenida Salim Farah Maluf, revelando assim outra discrepância, no acesso a estes estabelecimentos, principalmente para aqueles não possuem um veículo próprio e moram em regiões distante da cidade, enquanto que outros possuem uma facilidade maior facilidade, pelo conjunto de fatores de possuir um meio de locomoção próprio e também por morar perto ou com vias de fácil acesso.

Com isto em mente, a definição de consumo exposta por Goes *et. al.* é, de certa forma, assertiva com o panorama de Presidente Prudente e outras cidades médias, dito que

[...] o consumo é a dimensão na qual cotidianamente são expressas e requalificadas as desigualdades socioespaciais que marcam os processos de produção/apropriação das cidades, revelando possibilidades de existência muito díspares e que precisam ser entendidas em suas necessidades. (GOES *et. al.*, 2019, p. 138)

Assim, considerando um paralelo com as feiras livres, é notável que elas proporcionam um acesso mais democrático a certas formas de consumo, com uma qualidade maior nos produtos que oferecem, neste caso, produtos frescos e orgânicos, mercadorias artesanais, alimentos prontos, entre outros.

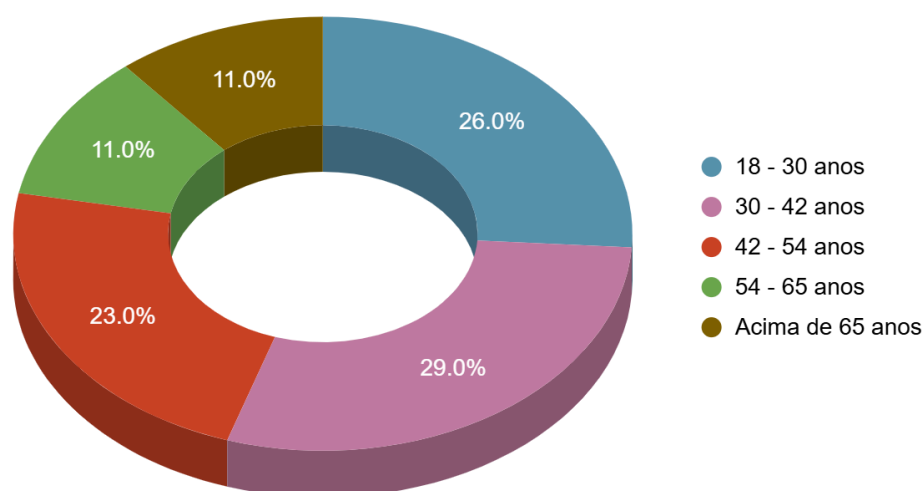
Mapa 4 – Localização de super e hipermercados da cidade de Presidente Prudente/SP



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

A seguir, para montar um perfil mais detalhado de quem frequenta a feira livre, a variável idade dos frequentadores também entrou na série de perguntas que compõem o questionário, para determinar qual faixa etária mais frequenta a feira livre e, de certo modo, compreender se o senso comum estereotipado que apenas idosos costumam frequentar esses ambientes em uma maior periodicidade do que outras pessoas.

Gráfico 1 – Faixa etária dos frequentadores entrevistados (em porcentagem)



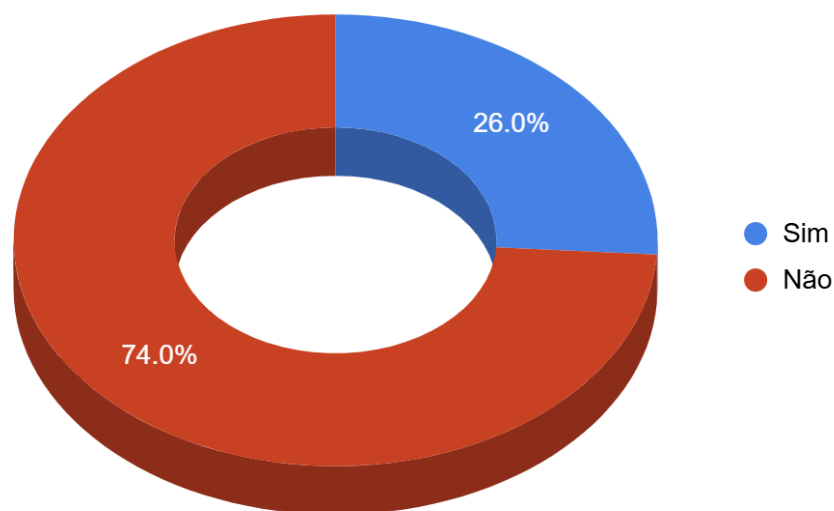
Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Como observado no gráfico, não há uma grande discrepância entre os frequentadores da feira livre, sendo em sua maioria adultos entre 30 e 42 anos, mas ainda assim demonstra um certo apelo entre os mais jovens, com mais de 18 anos, já que eles são o 2º maior número presente na feira da Av. Manoel Goulart, de modo que vai contra o que é pregado pelo senso comum, colocando a feira como um espaço público mais frequentado por pessoas com idade avançada.

Mas é notável que não é possível fazer tais afirmações baseando-se apenas na amostra coletada, ao unir essa informação com o que foi observado pelo pesquisador nos diversos dias em que esteve presente na feira livre, é possível considerar a feira da Av. Manoel Goulart como um espaço público plural, com uma grande amplitude no que diz respeito à faixa etária, contando ainda com menores de 18 anos, sejam sozinhos ou acompanhados por familiares.

Todavia, considerando o que se é observado em relação ao bairro onde residem os frequentadores entrevistados, surge outro questionamento que precisa ser respondido e compreendido, haveria alguma feira livre nos bairros informados? Se sim, os entrevistados frequentam tais feiras livres? Ou em caso de uma resposta negativa, gostariam que houvesse uma feira livre em seus respectivos bairros? A informação coletada foi esclarecedora no que tange estes questionamentos, como visto a seguir.

Gráfico 2 – Presença de feiras livres nos bairros informados nos questionários (em porcentagem)



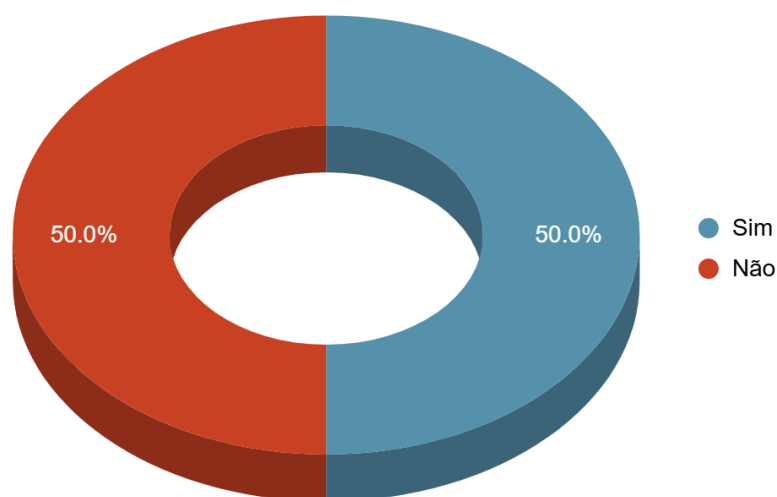
Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Conforme visto no gráfico, aproximadamente 75% dos entrevistados informaram que não há nenhum tipo de feira livre presente em seu bairro, mas vale ressaltar que houve uma parcela de entrevistados que responderam de forma negativa a esta questão, mas moram em bairros que margeiam a feira livre da Av. Manoel Goulart, porém, isso confere à feira livre pesquisada uma característica única de não "pertencer" a nenhum bairro específico, embora, segundo registros públicos, a feira seja oficialmente localizada no centro da cidade, tal definição não é totalmente precisa, pois seu trajeto e localização abrangem tanto o centro quanto os bairros adjacentes.

Porém, ao aprofundar entre cada aspecto da resposta, outras perspectivas se desenrolam, neste caso, quando perguntados se, aqueles que possuem uma feira livre em seus bairros, também frequentam essas feiras, o resultado obtido foi um empate, que será exposto no gráfico a seguir, mas isso acaba levando a outro dilema: os resultados obtidos seriam diferentes se os entrevistados que moram em bairros abrangidos pela feira livre da Av. Manoel Goulart a reconhecessem como

parte de seus bairros, como um espaço público que se manifesta em seus bairros todos os finais de semana.

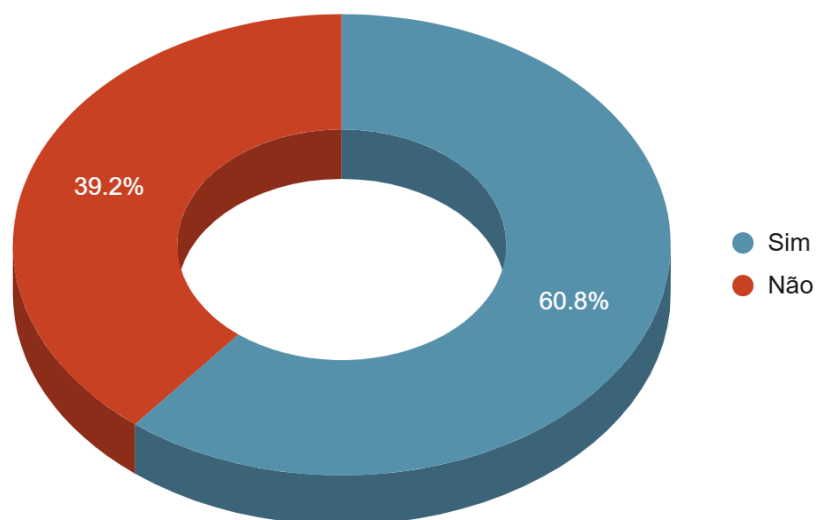
Gráfico 3 – Frequência dos entrevistados à feiras livres presentes em seus bairros (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

E para aqueles que não possuem uma feira livre em seus bairros, ao serem questionados se gostariam que houvesse uma feira em seus bairros, dos 74% que responderam não, uma maioria de 60,8% afirmou que gostaria de uma feira livre em seus bairros, independente de morarem perto de um bairro que já possui uma feira livre em atividade - com exceção da feira livre da Av. Manoel Goulart - e os outros 39,2%, quando brevemente indagados do porque não gostariam de ter uma feira livre em seus bairros, se mantiveram divididos entre dois motivos: porque moram perto de um bairro que já possui uma feira livre, ou simplesmente porque não sentem a necessidade da instalação de uma feira livre, com outros meios de suprir certas necessidades que também são oferecidas pelas feiras, mas ainda assim, sem deixar de comparecer à principal feira livre da cidade.

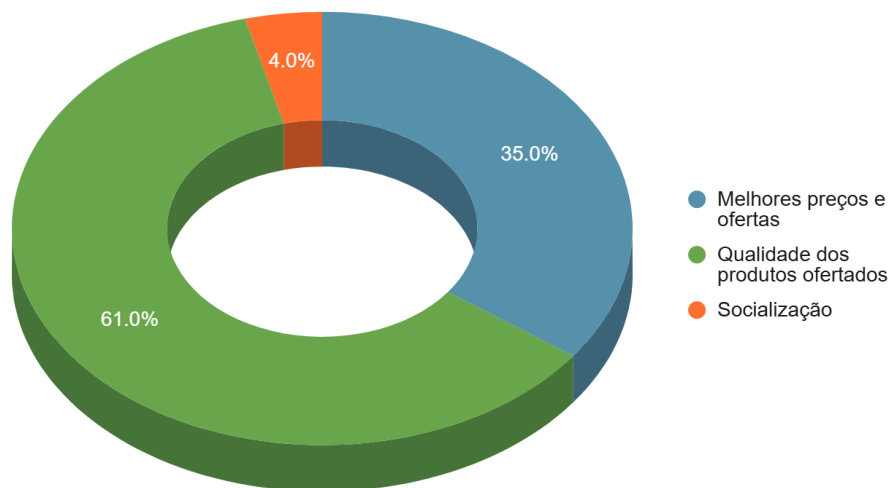
Gráfico 4 – Entrevistados quando perguntados se gostariam de uma feira livre em seus bairros (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Mas o que atrai a população a frequentar a feira livre? Considerando a amostra coletada como um escopo maior do cenário que é a feira livre, os entrevistados prezam mais pela qualidade dos produtos ofertados pelos feirantes, tendo em mente que tais produtos são em sua maioria frescos e orgânicos, ou mesmo de origem caseira, para produtos prontos (como pães, bolos, geleias, doces em geral, entre outros), mas claro que os frequentadores não deixam de considerar outros fatores, como os preços e ofertas dos produtos vendidos, ou mesmo um certo caráter de socialização, como um espaço público de entretenimento para todos que desejam usufruí-lo, como observado no gráfico a seguir.

Gráfico 5 – Principal atração dos entrevistados em relação às feiras livres (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

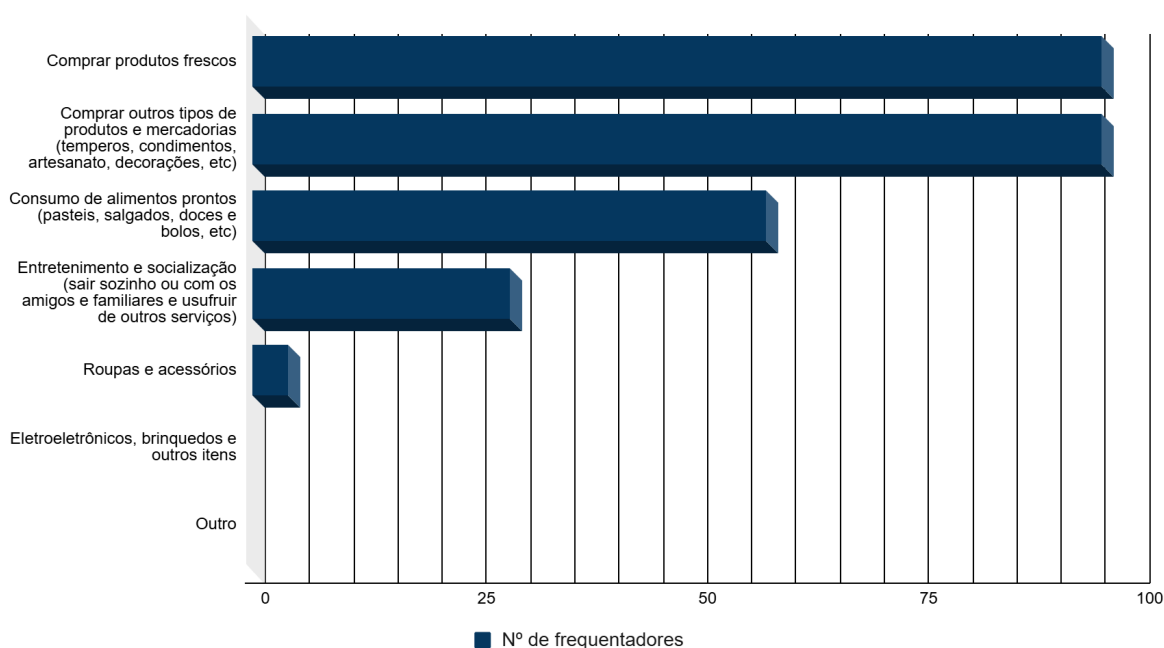
Não obstante, um outro cenário abordado de forma breve anteriormente, se desdobra ao observar estes dados, juntamente com o que é visto nas feiras livres, neste caso, o ato de “pechinchar, enquanto arte da negociação, vista como uma oportunidade para o freguês obter melhores preços, ao passo que os feirantes veem nisso uma chance de estreitar laços com os consumidores e fidelizar clientes, é notável que a habilidade de “pechinchar” não é apenas uma forma de economizar, mas também um ritual social que contribui para a vivacidade e dinâmica das feiras livres.

A relação entre feirantes e frequentadores é central para facilitar o ato de “pechinchar”, é nessa interação composta por uma troca direta e pessoal, onde a confiança e a simpatia desempenham papéis fundamentais, assim os feirantes têm mais flexibilidade para ajustar os preços e se envolver em negociações amigáveis, tal ambiente propício à negociação atribui às feiras livres uma característica única, onde a economia informal e as relações humanas se entrelaçam de maneira harmoniosa.

O que nos leva à motivação dos frequentadores de comparecer às feiras livres, neste caso, isso pode variar de acordo com a necessidade que o consumidor pretende sanar ao frequentar as feiras livres da cidade, em especial a realizada na

Av. Manoel Goulart, e outra informação que é importante ressaltar, esta foi a única questão com múltiplas respostas coletadas dos entrevistados, que alternou entre o que iriam comprar ou compraram, ou que sempre compram quando frequentam a feira livre, como visto a seguir.

Gráfico 6 – Motivação dos entrevistados para frequentar a feira livre (em nº de frequentadores)



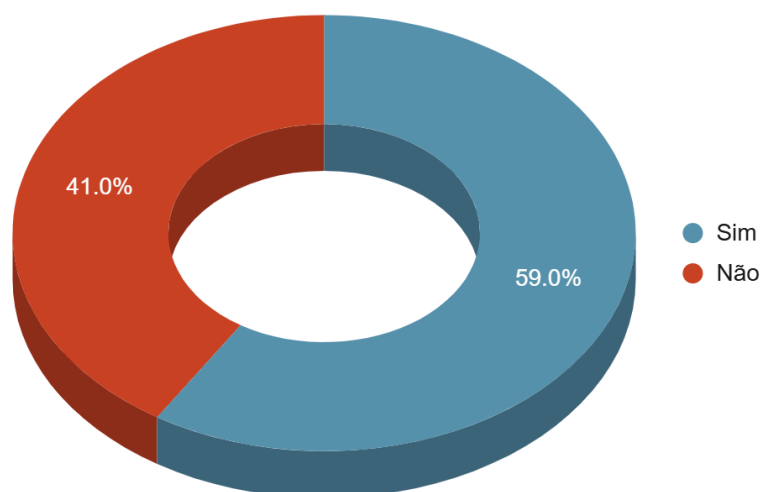
Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Neste cenário, as respostas predominaram em produtos frescos e outras mercadorias caseiras, como condimentos e temperos, mostrando que a motivação se alinha com aquilo que atrai os consumidores para as feiras livres, além de evidenciar uma tendência secundária da feira como espaço de socialização e entretenimento para todos, com acesso a alimentos prontos e preparados no local, além de mesas para consumo no local e outras facilidades.

Ainda no aspecto de consumo, levanta-se outro tópico de interesse, a capacidade das feiras livres de incentivar o consumo de outras mercadores fora do que é programado pelo consumidor, neste caso, uma lista de compras ou afazeres, ao ver e/ou ouvir as ofertas divulgadas pelos feirantes, através de placas ou

comunicando em voz alta por cima dos barulhos e burburinhos que fazem parte de uma feira livre.

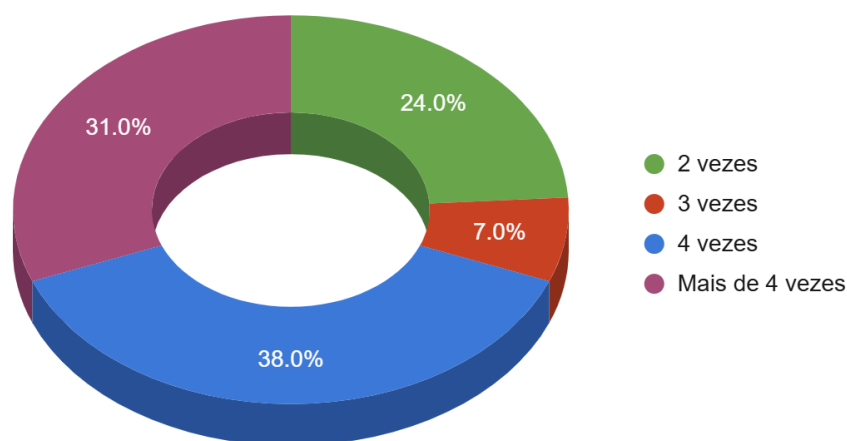
Gráfico 7 – Entrevistados que se sentem incentivados a consumir além de sua lista de compras ou afazeres (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Ao passo que isso também pode interferir na frequência da população às feiras livres, dependendo de uma miríade de fatores e, por ventura, certas necessidades que os cidadãos procuram sanar através da feira livre, ou como já citado anteriormente, recorrer à feira como um local de lazer e socialização, como visto a seguir, através dos dados coletados com os questionários.

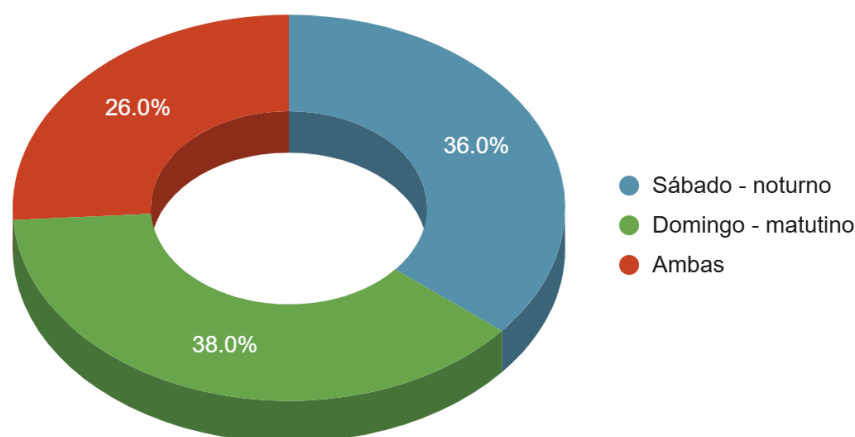
Gráfico 8 – Frequência dos entrevistados nas feiras livres da cidade por mês (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Nota-se que, entre as opções disponíveis nesta questão, nenhum entrevistado marcou que vai a alguma feira livre apenas 1 vez por mês, sempre frequentando a mesma feira, seja em períodos diferentes, no caso específico da feira livre da Av. Manoel Goulart, ou outras feiras ofertadas na sua vizinhança ou bairros vizinhos, comparecendo 2 vezes ou mais durante o mês, para diversos fins, como explicitado anteriormente, seja para abastecer a casa com mantimentos e produtos frescos ofertados nas feiras livres ou como um programa de final de semana, para usufruir da diversa seleção de alimentos prontos e preparados no local.

Gráfico 9 – Frequência nos dias e períodos em que é realizada a feira da Av. Manoel Goulart (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

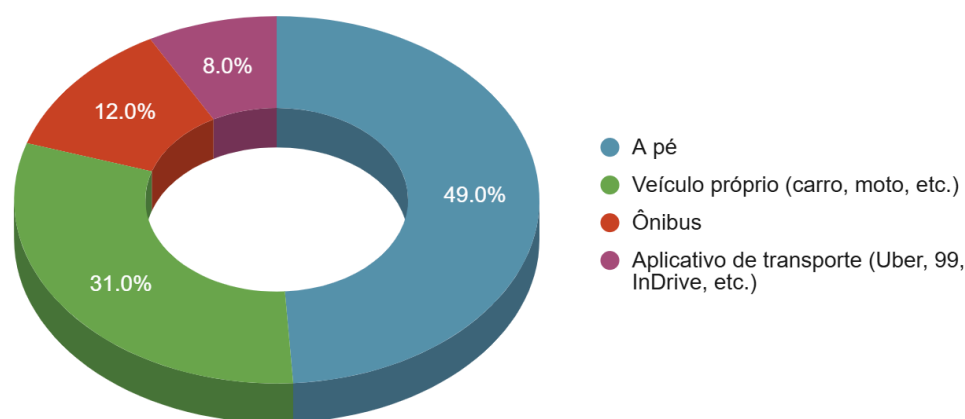
O gráfico a mostra um panorama interessante sobre a frequência da feira livre da Avenida Manoel Goulart nos dias em que é realizada, sábado a noite e domingo de manhã, sendo a única feira da cidade a ser realizada por dois dias seguidos, igualmente frequentados pelos entrevistados, com uma diferença de 2%, no que concerne aqueles que frequentam apenas um dos dois dias de feira.

Entretanto, o que chama atenção nestes dados são aqueles que frequentam a feira em ambos os períodos, o que acaba corroborando o caráter da feira como um espaço com diversas funções, além de um espaço de comércio de produtos frescos e mercadorias artesanais, para um espaço de socialização e entretenimento, com o consumo de outros produtos e mercadorias, já amplamente observado anteriormente em outros momentos

Adiante, também entrou no rol de questões aplicadas, a forma de locomoção dos entrevistados até a feira livre da Avenida Manoel Goulart, e a predominância notável daqueles que chegam à feira a pé, em comparação com seus locais de residência, faz sentido, considerando que moram em bairros próximos da feira livre da Avenida Manoel Goulart, e o mesmo pode ser aplicado para a segunda maior resposta, o veículo próprio, para aqueles que moram em bairros distantes.

Contudo, o panorama muda de figura com o veículo próprio, no que concerne locais para estacionar, conforme observado durante o período de aplicação dos questionários, onde nota-se que as ruas laterais aos dois lados da Avenida Manoel Goulart e mesmo o lado livre, do sentido centro - bairro, se transformam em espaços de estacionamento de veículos, de forma indireta, já que nunca lhe foram atribuídas tal função, por mais que seja comum estacionar seus carros na rua durante o dia.

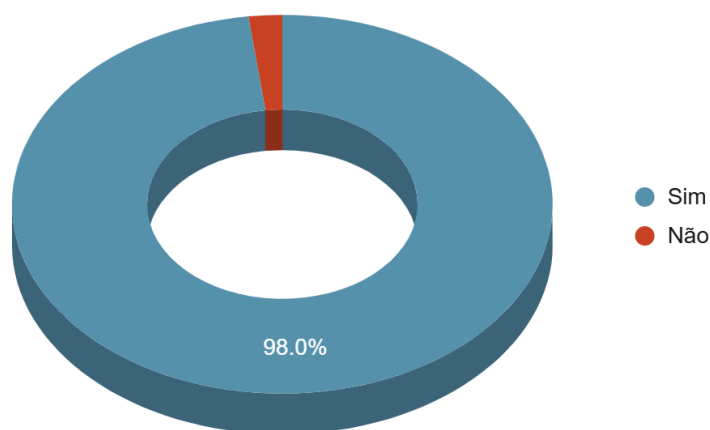
Gráfico 10 – Meio de locomoção usado para frequentar as feiras livres (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Outro ponto que também se sobressaiu na análise dos dados coletados por esta questão é a presença, mesmo que seja pequena, de 8%, daqueles que chegam à feira livre através de aplicativos de transporte, por mais que sejam um recurso vital utilizado atualmente, acaba se tornando possível inferir a sua verdadeira presença dentro deste espectro, que pode ser bem maior do que previsto por estes resultados.

Gráfico 11 – Preferência dos entrevistados em relação às vantagens oferecidas pelas feiras livres em relação aos super e hipermercados (em porcentagem)



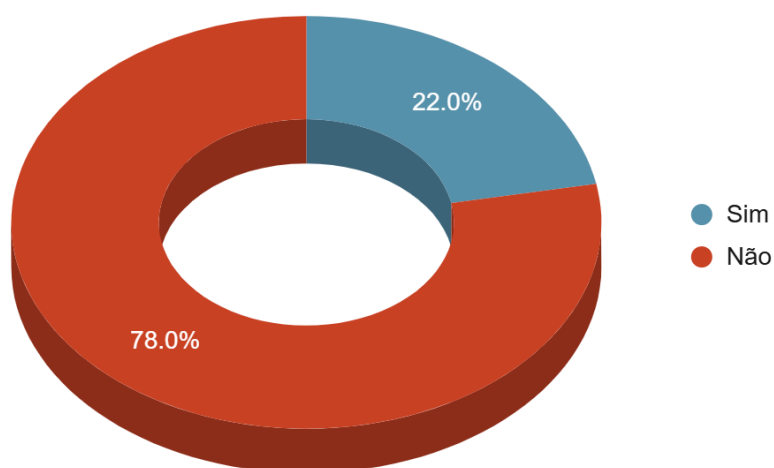
Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Ao questionar a preferência entre as feiras livres e os super e hipermercados, as respostas obtidas surpreendem de certa forma, ao considerarmos o que seriam as vantagens oferecidas, neste caso, da qualidade dos produtos e mercadorias oferecidas e da relação entre feirante e freguês, neste caso, as respostas obtidas, de forma majoritariamente unânime, qualificam as vantagens disponibilizadas pelas feiras livres como superiores a do atacado e varejo da cidade.

Ponderando a natureza deste resultado, pode-se conjecturar uma série de motivos, baseado no que foi observado durante visitas às feiras livres e durante o período de aplicação dos questionários, mas entre os principais estão a qualidade e origem dos produtos, o custo dos produtos em comparação com os comercializados no varejo local, e também o laço de fidelidade formado entre o feirante e o freguês, o que retorna ao famoso ato de “pechinchar”, já elaborado previamente.

Mas é claro que o grande atacado e varejo tem suas “vantagens”, que podem ser vistas como estratégias para incentivar e aumentar o consumo em seus estabelecimentos: ambientes climatizados, uma grande oferta de produtos e mercadorias e diversas promoções em diversos setores, principalmente no hortifruti, para atrair outros consumidores e de certa forma, competir com os valores que são ofertados nas feiras livres.

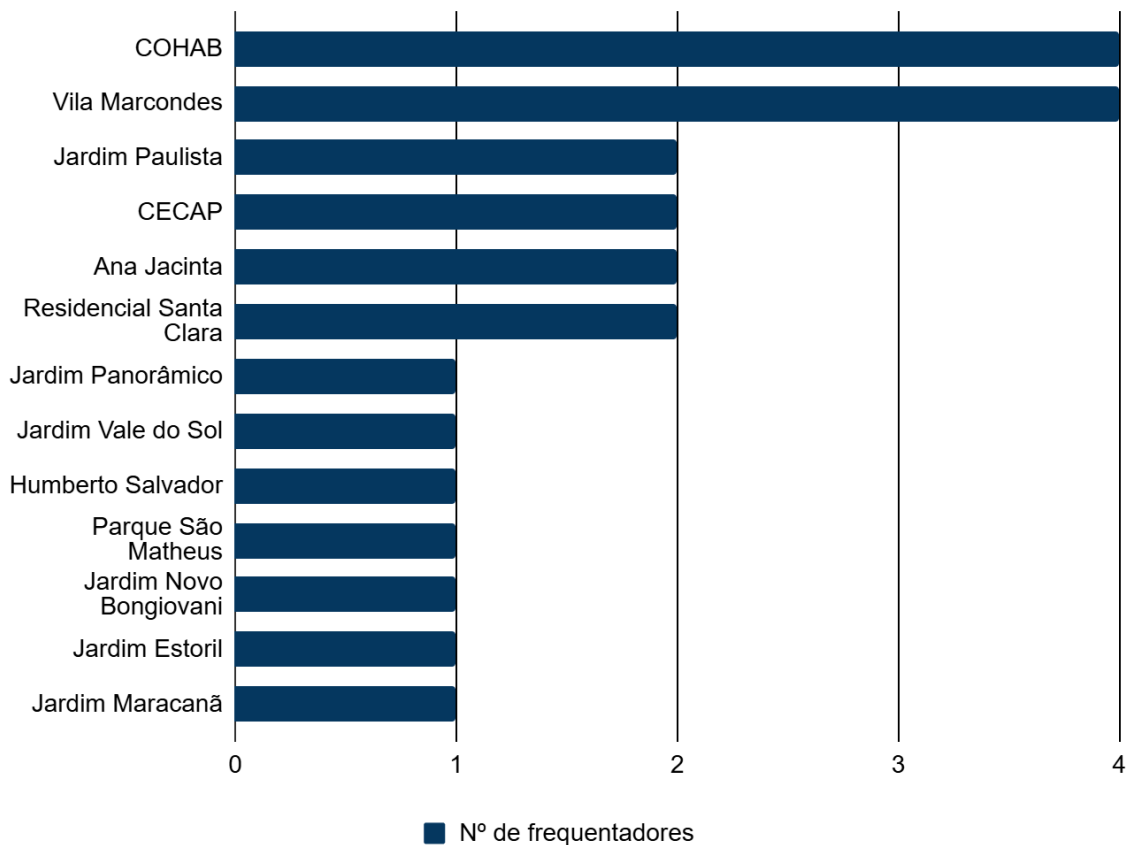
Gráfico 12 – Opção dos entrevistados à outras feiras livres além da realizada na Av. Manoel Goulart (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

De forma conjunta aos resultados que foram obtidos no Gráfico 3, se os entrevistados também frequentam feiras livres presentes em seus bairros, foi perguntado também se frequentam outras feiras além da feira livre da Avenida Manoel Goulart, neste caso, aqueles que responderam “Sim” à pergunta correspondente do Gráfico 3, também marcaram “Sim” nesta questão, mas aqui configurando o valor total de todos os entrevistados que responderam a esta pergunta, o que gerou uma grande discrepância no resultado visto acima, com 22% dos participantes frequentando outra(s) feiras livres contra um expressivo 78% daqueles que não frequentam, mas, esta questão veio acompanhada de uma sub-questão, para aqueles que responderam “Sim” identificarem quais feiras frequentam, neste caso, também responderam com feiras que estão inseridas em seus bairros ou em bairros vizinhos, como visto abaixo.

Gráfico 13 – Feiras livres frequentadas pelos entrevistados, além da realizada na Av. Manoel Goulart (em nº de frequentadores)

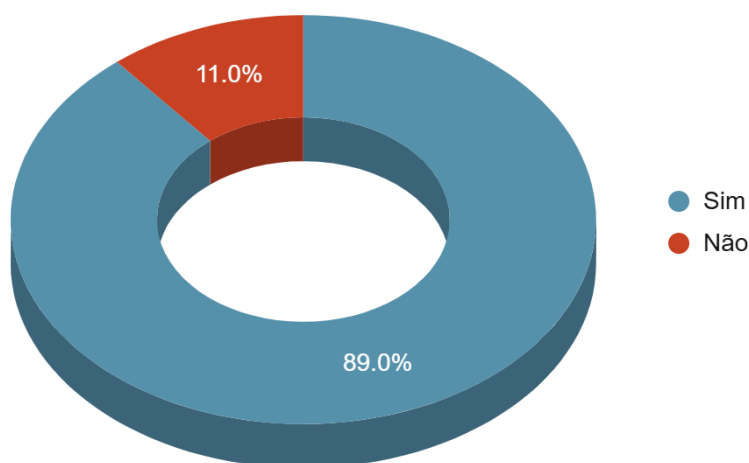


Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Em seguida, foi questionado aos entrevistados se sabiam que a feira livre da Avenida Manoel Goulart já ocupou as duas pistas de tráfego, cujo tal organização foi colocada em prática como medida de segurança durante a pandemia de Coronavírus (COVID-19), após o alívio das medidas de distanciamento em vigor até então, assim providenciando um amplo espaço de circulação para os frequentadores da feira durante tal período.

Por conseguinte, os resultados coletados se configuram em uma expressiva quantidade de 89% para uma resposta positiva, ou seja, sabiam que a feira adotou esta configuração, contra 11% que não sabiam que a feira livre aqui estudada ocupou os dois lados do tráfego, por uma série de motivos que não serão escrutinados aqui, por não serem o foco do trabalho ou da análise dos resultados obtidos até então.

Gráfico 14 – Entrevistados quando perguntados se sabiam que a feira livre da Av. Manoel Goulart ocupou as duas pistas de tráfego (em porcentagem)

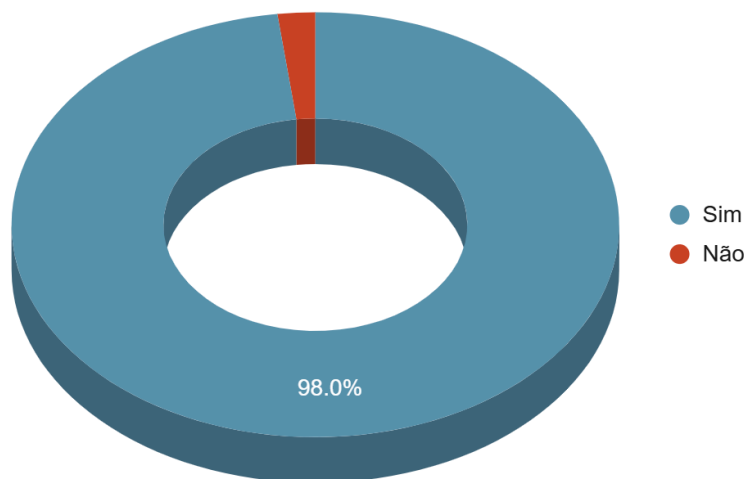


Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

Por fim, na última questão foi questionado se os frequentadores entrevistados gostariam que a feira livre da Av. Manoel Goulart fosse realizada sempre no formato supracitado, ocupando as duas faixas de trânsito da avenida, o resultado observado foi praticamente unânime, com apenas 2% afirmando que não gostariam que a feira livre fosse realizada neste formato, neste caso, mantendo seu formato atual, que ocupa apenas uma pista de tráfego, no sentido bairro-centro.

Mas o que levou os entrevistados a preferirem que essa feira livre fosse realizada ocupando as duas faixas de trânsito? Quando questionados do motivo, as respostas levaram a mesma raiz de pensamento: mais espaço de locomoção, para transitar pela feira e pelas barracas dos feirantes, entretanto, tal disposição também facilitaria a própria disposição das barracas e das mesas para consumo no local.

Gráfico 15 – Entrevistados quando perguntados se gostariam que a feira livre da Av. Manoel Goulart operasse ocupando as duas pistas de tráfego (em porcentagem)



Organização: Ygor Raphael de Jesus Mesquita, 2024.

O motivo de tal negativa destes 2% consiste principalmente, quando questionados do porque não preferem que a feira livre decorra ocupando os dois lados da Av. Manoel Goulart, consiste em “não atrapalhar o trânsito da cidade” e “não prejudicar a circulação dos carros”, o que acaba retomando a prévia discussão do valor atribuído às ruas atualmente, completamente desprovida de seu caráter original de socialização, para algo estéril e sem completamente sem vida, feita apenas para a circulação de veículos.

Os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram uma visão abrangente e detalhada sobre as feiras livres, proporcionando uma compreensão mais aprofundada de sua importância social, econômica e cultural, a análise dos dados coletados evidenciou não apenas a relevância dessas feiras para a cidade, mas também o papel delas na promoção de relações comunitárias e na preservação de práticas tradicionais, as informações obtidas contribuíram para uma melhor compreensão das dinâmicas que envolvem as feiras livres, apontando para suas potencialidades e desafios, e assim, consolidando a relevância do tema no contexto atual.

10. Considerações Finais

Considerando tudo que foi abordado até então, se faz necessário responder às questões abertas na contextualização do local de estudo e onde ele está inserido, de modo a obter uma compreensão máxima do que seriam as feiras livres da cidade de Presidente Prudente (SP), e em especial, a feira livre da Avenida Manoel Goulart.

A primeira e a segunda questão podem ser respondidas juntas, considerando que abordam paradigmas semelhantes, diz respeito à perda de capacidade da feira livre da Avenida Manoel Goulart de atrair os cidadãos de diferentes localidades e segmentos socioeconômicos e uma possível mudança de motivação para comparecerem às feiras livres, partindo dos resultados obtidos com as entrevistas, é notável que a feira livre mantém sua capacidade de atrair os habitantes da cidade que residem em diferentes localidades e de diversos estratos socioeconômicos, e a motivação principal de frequentar a feira também se mantém, mas com a adição do caráter socializante da feira livre, para além da compra dos clássicos produtos frescos oferecidos nas barracas dos feirantes.

Assim, isso acaba levando para a resposta da terceira questão, sobre a alteração do conteúdo da feira livre, o que seria algo inevitável com o decorrer dos anos, indo além dos produtos frescos, mercadorias artesanais e artesanato, contando também uma grande variação de alimentos prontos e preparados no local, roupas, acessórios, brinquedos e outros tipos de produtos, o que mostra também que a feira livre é um espaço de comércio plural.

Seguindo para a quarta pergunta, quais fatores indicam a continuidade da feira livre da Avenida Manoel Goulart, a resposta para esta indagação se dá em dois pontos: o primeiro sendo de razão cultural, já que é a feira mais antiga ainda em realização na cidade; e o segundo de razão econômica, ao passo que a feira livre é a principal fonte de renda da maioria dos feirantes que nela trabalham todo final de semana, além de trabalharem em outras feiras espalhadas pela cidade durante a semana.

Por fim, a quinta e última pergunta, no que tange a emergência da “sociabilidade confinada”, entendida como uma tendência à “privatização” (Sposito, Góes, 2013), se relaciona com a permanência dessa feira livre, com isto posto, a resposta para tal questionamento se dá através da habilidade da feira livre da Avenida Manoel Goulart de transcender este conceito sendo uma feira livre de rua

que carrega uma carga de vivência histórica transmitida entre seus cidadãos, que parte da breve análise do que é lugar feita em partes anteriores.

Assim, as feiras livres de Presidente Prudente representam espaços importantes de sociabilidade, onde se preservam a convivência e o comércio entre feirante e freguês, mas, apesar das transformações no espaço urbano, essas feiras ainda mantêm uma conexão significativa com os cidadãos funcionando como locais de interação social e resistência à crescente privatização e segmentação do espaço público, ao mesmo tempo em que refletem as dinâmicas e desafios da urbanização contemporânea, oferecendo uma perspectiva sobre as permanências e transformações no uso do espaço público na cidade.

Referências

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972.

ARAUJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 561-583, out. 2018.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2003.

BUOSI, Gabriel. Prefeitura tomba feira livre da Manoel Goulart. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 12 de dez. 2018. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/prefeitura-tomba-feira-livre-da-manoel-goulart,24917/>>. Acesso em: 14 mar 2024.

BUOSI, Gabriel. Projeto obriga banheiros químicos em feiras livres e eventos públicos. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 23 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/projeto-obriga-banheiros-quimicos-em-feiras-livres-e-eventos-publicos,26827/>>. Acesso em: 17 abr 2024.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1991.

DOMINATO, Mellina. Morador quer permanência de feirantes no Eldorado. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 3 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/morador-quer-permanencia-de-feirantes-no-el-dorado,11648/>>. Acesso em: 17 mar 2024..

FRATANTONIO, Marcella Silva. **Mercado Público em Presidente Prudente**. 2011. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Arquitetura e Urbanismo)

- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011.

G1 - PRESIDENTE PRUDENTE. Feira-livre da Avenida Manoel Goulart receberá banheiro químico móvel neste sábado. **G1**, Presidente Prudente, 9 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2018/08/09/feira-livre-da-avenida-manoel-goulart-recebera-banheiro-quimico-movel-neste-sabado.ghhtml>>. Acesso em: 17 mar 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GÓES, Eda Maria *et. al.* **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019.

HOLSTON, James. **A cidade modernista**: Uma crítica de Brasília e sua utopia. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

HOLZER, Werther. Conceitos Fundamentais da Geografia: Lugar. **GEOgraphia**, Niteroi, v. 21, n. 47, p. 131-134, 2019. DOI <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2019.v21i47>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/40757/23468>. Acesso em: 11 nov. 2024.

IBGE. **IBGE Cidades: Presidente Prudente**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/presidente-prudente/panorama>. Acesso em: 12 out. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 1ª reimpressão, 2002.

LOPES, Rogério. Feira da Manoel Goulart é foco de estudo. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 17 de set. 2015. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/feira-da-manoel-goulart-e-foco-de-estudo,6370/>>. Acesso em: 17 mar 2024.

MARTINS, João Lucas. Além de histórias e recordações, feiras livres geram renda para famílias em Presidente Prudente. **G1**, Presidente Prudente, 25 ago. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2019/08/25/alem-de-historias-e-recordacoes-feiras-livres-geram-renda-para-familias-em-presidente-prudente.ghhtml>>. Acesso em: 18 mar 2024.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam Cristina da Silva. Feira Livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

META - FACEBOOK. **Feira da Reforma Agrária PP**. Disponível em: <https://www.facebook.com/feiradareformaagrariapp>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MOURA, Beatriz da Silva *et. al.* **Documentação fotográfica da feira livre na Avenida Manoel Goulart de Presidente Prudente (SP): Uma interpretação sociocultural em nome da memória coletiva prudentina.** 263 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social e Jornalismo) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2018.

O IMPARCIAL. 150 feirantes e Sedepp debatem sobre estrutura. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/150-feirantes-e-sedepp-debatem-sobre-estrutura,17987/>>. Acesso em: 18 abr 2024..

O IMPARCIAL. Residencial Vida Nova Pacaembu ganha feira livre a partir desta sexta. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 5 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/residencial-vida-nova-pacaembu-ganha-feira-livre-a-partir-desta-sexta,50403/>>. Acesso em: 17 mai. 2024.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014. p. 3-16.

PRESIDENTE PRUDENTE (SP). **Feiras livres em Presidente Prudente.** Disponível em: <<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/documento/55134>>. Acesso em: 14 mai 2024.

PRESIDENTE PRUDENTE (SP). **Lei nº 2025/1978.** Dispondo sobre: Regulamentação e funcionamento das feiras-livres e dá outras providências. 19 de dezembro de 1978. Disponível em: <<https://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/documento/33580>>. Acesso em: 14 mar 2024.

PRESIDENTE PRUDENTE (SP). **Lei nº 2479/1986.** Dispõe sobre: Obrigatoriedade dos feirantes matriculados nas Feiras Livres, a deixarem o local de instalação de sua banca de venda de produtos, devidamente limpo após o término dos trabalhos. 28 de maio de 1986. Disponível em: <<https://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/documento/28059>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

PRESIDENTE PRUDENTE (SP). **Lei nº 4866/1997.** Funcionamento de feiras livres, institui penalidades para infrações e dá outras providências. Presidente Prudente, SP. 27 dez. 1997. Disponível em: <<https://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/documento/1409>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

PRESIDENTE PRUDENTE (SP). **Lei nº 8920/2015.** Dispõe sobre a concessão de desconto de até 50% (cinquenta por cento) no pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU, relativo a imóveis localizados nos logradouros públicos onde são realizadas feiras livres, conforme especifica. 24 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/documento/26009/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

PRESIDENTE PRUDENTE (SP). **Lei nº 9840/2018**. Dispõe sobre o tombamento da feira livre da Avenida Manoel Goulart do Município de Presidente Prudente, tornando-a patrimônio histórico cultural e imaterial. Presidente Prudente, SP: Consulta de Leis e Decretos Municipais, 2024. Disponível em: <http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/leis_decretos.xhtml>. Acesso em: 14 mai 2024.

RESENDE, Benjamin. A Feira Livre da Avenida Manoel Goulart. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 1 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/a-feira-livre-da-avenida-manoel-goulart,39154/>>. Acesso em: 18 mai 2024.

SILVA, Oslaine. Feiras livres mantêm vínculo com fregueses tradicionais. **O Imparcial Digital**, Presidente Prudente, 24 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/feiras-livres-mantem-vinculo-com-fregueses-tradicionais,21172/>>. Acesso em: 18 mar 2024.

SOBARZO MINO, Oscar Alfredo. **Os espaços da sociabilidade segmentada: A produção do espaço público em Presidente Prudente**. Orientador: Maria Encarnação Beltrão Sposito. 2004. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2005.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana**. 1983. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1983.

TAVEIRA, Thalita Rose Tamiarana Gadelha. Uma análise etnolinguística da música "Feira de Mangaio" de Sivuca e Glorinha Gadelha. **Revista Interfaces**, Guarapuava-PR, v. 11, n. 02, p. 211-218, 2020. DOI 10.5935/2179-0027.20200033. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6072/4474>. Acesso em: 15 abr. 2024

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013.

Apêndice A - Modelo do questionário aplicado aos frequentadores da feira livre da Avenida Manoel Goulart

ENQUETE - FREQUENTADORES		
DATA: / / PESQUISADOR: _____		
1. Em qual bairro você mora? 	5. Qual seu motivo para vir à feira livre? ☐ Comprar produtos frescos ☐ Consumo de alimentos prontos (pasteis, salgados, doces e bolos, etc) ☐ Comprar outros tipos de produtos e mercadorias (temperos, condimentos, artesanato, decorações, etc) ☐ Roupas e acessórios ☐ Eletroeletrônicos, brinquedos e outros itens. ☐ Entretenimento e socialização (sair sozinho ou com os amigos e familiares e usufruir de outros serviços) ☐ Outro: 	9. Como você chega à feira livre? ☐ A pé ☐ Veículo próprio (carro, moto, etc.) ☐ Ônibus ☐ Aplicativos de transporte privado (Uber, 99, InDrive, etc) ☐ Outro:
2. Qual sua faixa etária? ☐ 18 - 30 anos ☐ 30 - 42 anos ☐ 42 - 54 anos ☐ 54 - 65 anos ☐ Acima de 65 anos	☐ 18 - 30 anos ☐ 30 - 42 anos ☐ 42 - 54 anos ☐ 54 - 65 anos ☐ Acima de 65 anos	10. Considera que as feiras-livres oferecem mais vantagens e serviços em relação ao super e hipermercados ☐ Sim ☐ Não
3. Tem alguma feira livre no seu bairro? ☐ Sim ☐ Não 3.1. Se sim, você frequenta essa feira livre? ☐ Sim ☐ Não 3.2. Se não, você gostaria que tivesse uma feira livre em seu bairro? ☐ Sim ☐ Não	6. Ao ir à feira com uma lista definida de afazeres, você se sente compelido a comprar outros itens e produtos ao ouvir as ofertas dos outros feirantes? ☐ Sim ☐ Não 7. Com qual frequência você vai à feira no mês? ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ Mais de 4	11. Você frequenta outras feiras livres além da Feira da Avenida Manoel Goulart? ☐ Sim ☐ Não 11.1. Se sim, qual(is)?
4. O que te atrai na feira-livre? ☐ Melhores preços e ofertas ☐ Qualidade dos produtos ofertados ☐ Socialização ☐ Outro: 	8. Em quais períodos você comparece à feira-livre da Av. Manoel Goulart? ☐ Sábado - noturno ☐ Domingo - matutino ☐ Ambas	☐ Sim ☐ Não 12. Sabia que a feira livre da Av. Manoel Goulart já ocupou as duas pistas de tráfego? ☐ Sim ☐ Não 12.1. Gostaria que a feira fosse realizada neste formato (ocupando os dois lados da Avenida)? ☐ Sim ☐ Não